PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Maria Lúcia Rodrigues Guimarães Gassert

NUNCA DEIXE DE SONHAR

Os significados da gravidez adolescente para os pais de jovens genitores

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Especialista em Terapia Familiar e de Casal sob orientação da Professora Doutora Ceneide Maria de Oliveira Cerveny.

Curso de Especialização em Terapia Familiar e de Casal

São Paulo

2013

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Djalma e Edith por terem me trazido à vida e me ensinado a amar, compreender e perdoar.

Ao meu esposo Christian (*in memoriam*) pelo companheirismo, alegria e positividade frente os obstáculos da vida.

Aos meus filhos Lucas e Laura, sementes que lancei à vida e que, certamente, produzirão bons frutos.

AGRADECIMENTOS

A todos os gerentes da UBS Jardim Souza que incentivaram o desenvolvimento das oficinas do Projeto Vale Sonhar.

A todos os Diretores e Coordenadores das Escolas Estaduais Antônio Aggio, Antônio Bernardes e Eugênio Mariz de Oliveira Neto pela parceria.

Ao professor de Iniciação Científica, no Instituto de Psicologia da USP, Doutor Cezar Ades *(in memorian*) pela jovialidade e entusiasmo com que nos introduziu na pesquisa científica.

À minha orientadora Professora Doutora Ceneide Maria de Oliveira Cerveny pelos conhecimentos, dedicação, confiança e serenidade nas orientações.

Às participantes da pesquisa pela hospitalidade e colaboração.

Nunca Deixe De Sonhar

(Piska / Kiko)

Há uma luz, em algum lugar,
Que vai fazer seu sonho se realizar.
É só você acreditar
Que uma nova estrela vai poder brilhar.

Algo em você vai despertar,
Não duvide nunca,
Você vai chegar.
Nunca deixe de sonhar (Nunca deixe de sonhar).

Há uma luz, que não se vê,
Brilha o tempo todo dentro de você.
Há uma luz, em algum lugar,
Que vai fazer seu sonho se realizar.

Refrão
Se está além do sol ou além do mar,
Bem além do tempo, sei que há um lugar
Onde quero ir, onde eu quero estar,
Ver a fantasia se realizar.

Esta música é oferecida e cantada com jovens em ritual de encerramento das oficinas do Projeto Vale Sonhar realizadas para alunos de 9º anos de três escolas públicas da área de abrangência da UBS do Jardim Souza, na Subprefeitura de M'Boi Mirim, da cidade de São Paulo.

RESUMO

NUNCA DEIXE DE SONHAR

Os significados da gravidez adolescente para os pais de jovens genitores

Maria Lúcia Rodrigues Guimarães Gassert

NUFAC - Núcleo de Família e Comunidade da PUC - São Paulo

A gravidez adolescência é um acontecimento carregado de significados para os futuros pais e familiares e realiza, adia ou interrompe sonhos e projetos. No Brasil, ela tem sido considerada um problema social, educacional e de a saúde pública, e monitorada por dados epidemiológicos. Para as famílias dos jovens pais, essa gravidez pode ser vivida como crise envolvendo valores e reorganização de tarefas e papéis, e somando-se às vicissitudes próprias do ciclo vital individual e familiar. Compreender esses significados pode trazer contribuições para profissionais que trabalham com adolescentes. Foi realizada uma pesquisa qualitativa com mães de dois adolescentes genitores, de ambos os sexos, cadastrados na Unidade de Saúde da Família do Jardim Souza, do M'Boi Mirim. A entrevista semi-estruturada iniciou com a pergunta disparadora "O que significou a gravidez de... para você?", para que elas falassem sobre valores, sentimentos, estratégias de enfrentamento e formas de orientação sexual. As entrevistas mostraram que, para as famílias, a gestação pode ser vivida como impedimento ao desenvolvimento da família em seu ciclo vital ou como desafio à procura de novos modelos relacionais para lidar com as transformações pelas quais a família está passando. Dar suporte psicológico e apoio concreto foi mencionado como estratégia importante tanto para os seus filhos e netos. As estratégias de enfrentamento dos jovens estão relacionadas a vínculos de proximidade com a criança e às estratégias adotadas por seus pais. As famílias são abertas para conversar sobre prevenção de gravidez desde a puberdade e a percepção de atividade sexual dos filhos parece ser bastante vívida.

Palavras-chave: Adolescência, Família, Gravidez na Adolescência, Sexualidade.

INTRODUÇÃO

A notícia de uma gravidez sempre causa um impacto, pode ser recebida com grande alegria ou com muito pesar dependendo do momento de vida das pessoas que a recebem. Trata-se de um acontecimento carregado de significados para os futuros pais e familiares envolvidos, e que, realiza, adia ou interrompe sonhos e projetos.

A gravidez na adolescência, há décadas, tem sido considerada um problema social e para a saúde pública, com monitoramento através de dados epidemiológicos.

No Brasil, a expressão da sexualidade na adolescência é um direito garantido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e as famílias se veem diante de um dilema difícil de administrar dado que a sexualidade é um assunto carregado de valores morais e questões relativas a gênero que foram forjados na história da família em seu contexto social. Então, valores atuais convivem com aqueles mais conservadores, assim, encontram-se famílias em que as expectativas de comportamento em relação aos rapazes podem ainda ser diferentes do que se espera relação às moças. (MONTEIRO, 2006)

O ECA preconiza que o (as) jovem tem direito a atendimentos privativos e sigilosos em serviços de saúde e sociais, pois adiar a gravidez e evitar doenças sexualmente transmissíveis (DST) e AIDS é altamente desejável na promoção da saúde e bem estar da população. Com vistas a esses objetivos, se desenvolvem projetos e ações políticas e governamentais de prevenção, promoção e tratamento nos setores de educação, de saúde e de assistência social, cada um respondendo dentro do seu nível de resolubilidade. No entanto essas práticas estão permeadas de valores dos profissionais envolvidos ou influenciadas por fluxos de atendimento que excluem o jovem. Um exemplo disto é que numa mesma unidade básica de saúde em que há distribuição indiscriminada de preservativos masculinos, jovens adolescentes não são atendidos em consulta médica com alguns generalistas se estiverem desacompanhados de um adulto.

Pesquisas indicam que a gravidez na adolescência está associada à evasão escolar, mas não se pode, contudo, estabelecer uma relação de causalidade linear. Quanto à saída precoce da escola há que se considerarem muitos aspectos como qualidade do ensino, em especial o ensino público, sua proximidade ou distanciamento à realidade dos jovens, necessidade dos jovens de entrar no mercado de trabalho para contribuírem no orçamento familiar ou terem acesso a bens de consumo “de marca”, No caso das jovens grávidas, a vergonha e os cuidados com o bebê tem sido apontados como causa de interrupção dos estudos. (Monteiro, 2006).

Do ponto de vista social pode-se dizer que a gestação adolescente é um problema social uma vez que nas sociedades atuais a faixa etária considerada como adolescência (11 a 19 anos, segundo a OMS) é valorizada como um período de desenvolvimento de habilidades que preparem o jovem para a vida adulta e quanto maior a escolaridade da mulher menor o número de filhos e maior a idade da primeira gestação.

Sob o olhar da saúde pública a gravidez na adolescência é considerada um problema uma vez que pesquisas têm demonstrado que quanto menor a idade das gestantes maiores os riscos à saúde das jovens mães e de seus bebês (Almeida, 2003), sendo a gestação abaixo dos quatorze anos considerada de risco e passível de tratamento diferenciado em serviços especializados.

O município de São Paulo, por exemplo, tem investido em capacitações e recursos materiais com objetivo de diminuir a taxa de gravidez na adolescência para, em conjunto com outras ações, reduzir os índices de morbi-mortalidade perinatal, uma vez que o coeficiente de mortalidade infantil é um dos indicadores de saúde que contribuem para o Índice de Desenvolvimento Humano que mede a qualidade de vida das populações. Sem dúvida uma elevada qualidade de vida é uma expectativa social que se expressa em políticas públicas.

Nesta cidade, a proporção de gestação em adolescentes apresenta tendência de queda, segundo a Análise de Tendências da Secretaria Municipal de Saúde, de 2005 a 2009. Contudo ela ainda mantém uma porcentagem de 13,6 em relação ao

total de gestações. Ainda que discreta a redução nos mostra que a taxa de gravidez na adolescência esta associada ao contexto econômico e político e social, e pose estar mudando com programas de distribuição de renda, programas de acesso à universidade, além da diversificação dos padrões sociais e familiares em relação à sexualidade, métodos contraceptivos e expectativas de mobilidade social.

Considerando-se tudo o que foi mencionado anteriormente, pode-se considerar que, na atualidade, não se espera que jovens de quinze anos contraiam matrimônio ou que já estejam trabalhando, como já foi no passado. As famílias tem procurado exercer uma influência, para que seus filhos adolescentes estejam na escola ou em programas de aprendizagem para mercado de trabalho, e manifestam controle sobre a sexualidade para que os jovens, ainda dependentes, não venham a ter seus próprios filhos. Isto inclui família de baixa renda da periferia de São Paulo, por exemplo, que apesar das dificuldades econômicas esperam que os jovens "terminem os estudos", o que significa permanecerem até dezoito anos nos bancos escolares e concluírem o ensino médio.

Para as famílias dos jovens genitores a situação pode ser vivida como crise que envolve questões de valores e reorganização das tarefas e papéis dos seus membros, somando-se às vicissitudes próprias do ciclo vital individual e familiar.

Para Michael White (apud Carey, Walther, Russel, 2009) quando as pessoas falam de seus problemas elas estão se posicionando frente a algo que está ausente em seu discurso, mas que carrega significados implícitos, como valores e expectativas. Assim podemos pensar que a gravidez na adolescência poderá ser compreendida como um problema frente a expectativas que se apresentem em relação aos adolescentes.

Do ponto de vista das famílias o que querem evitar? Ou o que elas querem preservar? Será que para elas a gravidez é precoce, e se for é precoce em relação a que: qualificação profissional, independência econômica, preparação para o casamento? Quais seriam então os valores e expectativas das famílias em relação a este tema? Quais os efeitos em suas vidas de uma gravidez na adolescência de

seus filhos? O que estas famílias pensam sobre a sexualidade de seus filhos e de que forma vêm lidando com ela?

Estes são questionamentos para os quais pretendo buscar respostas nesta monografia que foi dividida em quatro capítulos.

O primeiro capítulo trata da adolescência pelas lentes psicossocial e histórica da adolescência, como uma etapa do ciclo de vida individual à luz do pensamento de Erik H. Erikson para em seguida discorrer sobre a visão pós-estruturalista do conceito de identidade.

O segundo capítulo contém abordagem sobre o ciclo vital da família sob as lentes do pensamento sistêmico e a, partir de pesquisa de campo de Ceneide Cerveny e CM Berthoud, bem como pelos estudos clínicos de Carter e McGoldrick com famílias americanas de baixa renda.

O terceiro capítulo decorre sobre intergeracionalidade como forma de compreender o os comportamentos individuais e familiares.

O quarto capítulo apresenta o conceito de resiliência como capacidade e processo familiar de enfrentamento de situações estressoras.

O quinto capítulo traz uma apresentação trabalho de prevenção de gravidez na adolescência desenvolvido com utilização da metodologia do Projeto Vale Sonhar, na região do Jardim Souza, da periferia sul da cidade de São Paulo. Este trabalho foi a fonte de inspiração para esta pesquisa porque, através das conversas com os jovens a respeito de valores, crenças sobre o tema, surgiu a curiosidade de compreender como seria esta vivência para as famílias dos jovens que se tornam mães e pais na adolescência.

A estes capítulos seguem-se os objetivos da pesquisa., a metodologia proposta, a análise dos dados obtidos, as considerações finais a partir da compreensão dos significados das famílias sobre a vivência da gravidez adolescente e as referências bibliográficas.

O registro das entrevistas e os termos de consentimento livre e esclarecido estão anexos nesta ordem e no final do trabalho.

CAPÍTULO I

ADOLESCÊNCIA

“Tenho andado distraído, impaciente e indeciso.

E ainda estou confuso, só que agora é diferente,

Sou tão tranquilo e tão contente.

Quantas chances desperdicei,

Quando o que eu mais queria

Era provar pra todo o mundo

Que eu não precisava provar nada prá ninguém”

(Legião Urbana)

Segundo a Organização Mundial a adolescência é a faixa etária entre 10 a 19 anos. Neste período os jovens passam por transformações corporais, psicológicas e sociais.

Embora considerada um fenômeno universal, o início e a duração da adolescência varia de acordo com a sociedade, a cultura e a época e apresenta características específicas dependendo do contexto histórico, social, cultural e econômico no qual o indivíduo está inserido, contudo tem se observado que nesta etapa da vida o jovem busca autoafirmação e independência individual definição da identidade social, profissional e sexual.

O conceito de adolescência é uma construção recente do ponto de vista sócio-histórico e entre as duas grandes guerras, no século XX, passou a ser mais estudado em vista das mudanças no contexto sociopolítico mundial, em especial nos países industrializados.

Do ponto de vista biológico a adolescência se inicia a partir da puberdade com a maturação das glândulas pituitária e gonadais, dos órgãos genitais internos, pelo desenvolvimento das características sexuais secundárias e por uma fase de estirão cuja característica é um crescimento acelerado. O jovem se vê diante de uma tarefa, nem sempre fácil, de habitar num corpo em acentuada e constante

transformação e esta nova corporalidade é um ingrediente para o que Erik Erikson chama de *crise normal da adolescência.*

Para o autor o desenvolvimento psicossocial humano se dá na direção da procura por um sentimento de identidade em oito estágios caracterizados, cada um, por crises básicas do ego e pelas estratégias para solucioná-las trazendo assim, ao final de cada estágio, a ampliação das suas funções e o nascimento de uma força básica em caso de solução positiva ou fragilização em caso de solução negativa. Cada fase é influenciada pelos eventos e soluções da anterior e determina a seguinte. Em cada fase o indivíduo lida com exigências internas de seu ego e com exigências do meio, da cultura e da sociedade em que vive.

Este desenvolvimento se dá conforme o seguinte esquema:

1. **Primeiro Ano de Vida** – **Confiança Básica X Desconfiança Básica.**

Neste estágio a criança é totalmente dependente dos seus cuidadores, em especial a mãe, para todas as atividades cotidianas relativas à sua sobrevivência e seu bem estar físico e emocional.

A partir deste relacionamento a criança começa a desenvolver uma força básica que é a *esperança.* Se a mãe demora, cria-se a esperança de ela irá voltar e a possibilidade de que os objetos e as pessoas continuam a existir quando não estão do seu campo de visão.

Quando o bebê vivencia positivamente estas descobertas, e quando a mãe confirma suas expectativas e esperanças, surge a *confiança básica*, ou seja, a criança tem a sensação de que o mundo é bom e que há uniformidade e continuidade dos provedores externos e de si própria.

2. **Segundo e terceiro ano – Autonomia X Vergonha e Dúvida.**

Neste período com a mielinização do sistema nervoso a criança adquire algum controle dos movimentos musculares, de suas necessidades fisiológicas, de comer sozinha, de controlar eliminação das fezes e urina, andar, e manipular objetos,

conquistando certa autonomia por meio de atividades exploratórias, e isto gera na família uma resposta de controle e aprendizado social. Dependendo da forma com que é controlada, ou seja, se for criticada ou ridicularizada desenvolverá vergonha e dúvida quanto a sua capacidade de ser autônoma, e poderá recorrer à dependência do estágio anterior. Numa solução positiva, a criança aprende que precisa respeitar regras, e vivencia sentimentos de autocontrole, de boa vontade e orgulho e daí surge força básica da vontade necessária ao desenvolvimento da *autonomia.*

3. **Quarto e quinto ano – Iniciativa X Culpa.**

Neste estágio, a criança amplia os seus contatos sociais e associa à confiança e autonomia, já conquistadas, um sentimento de determinação que leva à *iniciativa*, e isto se dá segundo Erikson, através do desenvolvimento intelectual.

A criança passa a fazer classificações e discriminações, e a perceber as diferenças sexuais, os papéis desempenhados por mulheres e homens na sua cultura. Ela manifesta curiosidade sexual e intelectual que se for castigada poderá desenvolver sentimento de culpa e diminuir sua iniciativa de explorar novas situações ou de buscar novos conhecimentos.

Numa solução positiva, a criança irá desenvolver responsabilidade e vontade de aprender, sentido prazer quando os adultos lhes atribuem responsabilidades. Percebendo que ainda possui limites ainda ela passa a desejar vivenciar brincadeiras e jogos em que irá testar e desafiar suas capacidades e possibilidades. O autor menciona a possibilidade da personificação que acontece quando a criança, para evitar a frustração de ser incapaz para algumas coisas, passa a desempenhar “papéis” e se afastar cada vez mais do contato consigo mesma.

4. **Dos seis aos onze anos - Construtividade X Inferioridade.**

Neste período a criança, nas sociedades modernas, aumenta o seu círculo social, passa a frequentar a escola, e passa a conviver com pessoas de fora de seu círculo familiar e encontra novos padrões de relacionais, o que exige o desenvolvimento de novas habilidades sociais.

Com o início da alfabetização e aprendizagem do raciocínio aritmético formal, aumentam as exigências quanto ao seu desempenho intelectual. Para isto é importante o desenvolvimento atitudes perseverantes e metódicas e canalizar a energia psíquica para tarefas e estudo formais se preparando para o futuro. Neta etapa iniciam a responsabilidade e a capacidade de planejamento e de ordenação do comportamento.

Segundo o autor a criança aprende o que é valorizado no mundo adulto e se preocupa com a competência e realização das tarefas de modo satisfatório para si e para os outros, em busca de um sentido de realização. Se as exigências forem excessivas ou ela se der conta de sucessivas falhas, ela poderá desenvolver sentimento de *inferioridade.*

5. **Dos doze aos dezoito anos – Identidade X Confusão de Papéis.**

Neste estágio, o jovem passa por transformações físicas e psicossociais, estas caracterizadas por uma crise de identidade e se questiona sobre quem ele é, no que é semelhante ou diferente de seus pais, o que será no futuro e que papéis sociais irá desempenhar. Assim ele busca ativamente identificações com pares e grupos ideológicos. Neste período ele irá se preocupar com grupos de amigos, experiências amorosas e sexuais e escolha vocacional, envolvimento ideológico e está mais preocupado com o que pensam dele, podendo passar a uma experimentação de novos e diferentes papéis e identidades. Neste período é importante que possa ter uma moratória no sentido de que os adultos não exerçam influência e direcionamento rígido das escolhas que o jovem possa fazer.

6. **Jovem adulto – Intimidade X Isolamento.**

De acordo com Erik Erikson, nesta fase a pessoa, com a solução do dilema de identidade e papéis, demonstra investimento na construção de uma carreira profissional e de relacionamentos mais profundos e duradouros. Com sua identidade estabelecida e fortalecida é possível a convivência com outra pessoa se sentimento de ameaça ou anulação de ego, abrindo caminho para a *intimidade*. Esta diz

respeito tanto às relações amorosas quanto às profissionais que demandam equilíbrio entre autoconfiança e aceitação do outro.

Se ego não está seguro, a pessoa poderá recorrer ao i*solamento* como forma de se preservar das ameaças. Um isolamento por curto período pode ser positivo com uma moratória para se fortalecer. Erikson relaciona este isolamento, quando duradouro, ao elitismo que é a formação grupos fechados e exclusivos que são uma forma de narcisismo comunal. Um ego amadurecido e estável consegue se relacionar com um conjunto variável de personalidades diferentes.

7. **Meia idade – Produtividade X Estagnação.**

Nesta fase, o indivíduo tem a preocupação com tudo o que pode ser gerado, desde filhos até ideias e produtos e na família com a transmissão dos valores sociais de pais para filhos. Nesse momento de sua vida a pessoa sente-se enriquecida pelo que aprendeu e manifesta desejo de ensinar preocupando se com a tradição como forma de valorização de seus esforços durante a vida e de tudo o que produziu, na família, no trabalho e na sociedade de modo mais amplo dando-lhe um sentido de *generatividade.* Isto pode desenvolver na pessoa uma preocupação social ou grande preocupação com o próprio conforto físico e material.

8. **Velhice - Integridade X Desesperança.**

Nesta etapa a pessoa pode fazer uma reflexão sobre o que fez e produziu e o que deixou de fazer, dando significados às suas realizações. Se esta revisão lhe trouxer sentimento de produtividade, de dever cumprido e valorização da vida vivida a pessoa experimenta o que o autor chama de *integridade*. Em caso de sentimento de arrependimento em relação às escolhas passadas e ao perceber que a morte se aproxima a pessoa pode apresentar sentimento de *desespero* por não ter mais tempo de fazer o que pretendia e experimentar nostalgia e tristeza pela velhice.

Conforme o esquema anterior o ser humano possui uma prontidão para o desenvolvimento e para ampliação de suas relações e do círculo de pessoas e de

instituições significativas e a sua identidade se constrói entre processos internos e sociais sendo, portanto, uma construção psicossocial.

O conceito de identidade, para Erikson, está associado ao de crise de identidade e é como busca de sentimento de continuidade quanto ao que a pessoa reconhece como sendo ela própria e àquilo as pessoas reconhecem como pertinente a ela. A crise é determinada por tensões, conflitos, dilemas da pessoa, em constante transformação e interação com o meio social, e possui, ao mesmo tempo, aspectos de vulnerabilidade e potencialidade sendo, portanto, fonte tanto de desajustamentos como de desenvolvimento de capacidades produtivas.

Esse autor faz uma diferenciação entre crises neurótica e psicótica das crises normativas do desenvolvimento psicossocial, afirmando que estas são mais transponíveis e, carregadas de ansiedades dormentes e novos conflitos, possibilitam novas e mais amplas funções do ego. Para o autor, a fixação preconizada pela psicanálise freudiana é compreendida como um recurso do ego de se utilizar de forças da fase anterior para solucionar crise não resolvida de modo a fortalecer o ego e seguir adiante.

A construção da identidade acontece ao longo de todo o ciclo vital, mas é na adolescência que ela se mostra como uma tarefa específica. A crise normativa da adolescência é uma fase normal de *"crescente conflito caracterizada por uma aparente flutuação do ego, assim como por um alto potencial de crescimento*".

Erikson afirma que a adolescência é uma etapa do desenvolvimento, biológico e psicossocial, intermediária e de preparação para as exigências da vida adulta e que este período tem sido aumentado com o desenvolvimento tecnológico e industrial, "*passando a ser quase um modo de vida entre a infância e a fase adulta"* e*" uma moratória psicossocial durante a qual o jovem adulto, através da livre experimentação de papel, poderá encontrar um nicho em alguma seção da sociedade". (Erikson 1978)*

O autor refere que são esperadas neste estágio tensões entre:

- Sentimento de identidade e confusão de identidade,

- Identificação com a tarefa e sentimento de futilidade,
- Previsão de papéis e inibição de papel,
- Vontade de afirmação pessoal e dúvida de afirmação pessoal
- E reconhecimento mútuo e isolamento autístico.

Assim, o jovem nesta etapa se vê diante de desafios de busca de um sentimento de identidade que lhe proporcionará um sentido de continuidade entre o que acredita ser, sentir e fazer.

O adolescente passa por muitas identificações (positivas ou negativas) com pessoas que lhe são significativas, envolve-se em diferentes atividades, experimenta papéis (sociais e sexuais), abraça ou refuta crenças e ideologias e pode transitar por diversos grupos de pares ou isolar-se. Ao final desse processo o jovem poderá compreender e assumir seus papéis sociais de modo consciente e intencionado.

Erikson afirma que numa causalidade circular os fenômenos da adolescência são determinados pelos cotexto histórico, étnico e sociocultural que também tem sido a juventude a promotora de mudanças na nossa sociedade.

Lopes de Oliveira (2006) faz uma reflexão crítica o conceito de identidade na adolescência e afirma que

> "*Erikson insiste na necessidade de o adolescente fazer uma integração de seu passado e futuro, através de um processo de recapitulação e antecipação. Em suma, ao enfatizar a singularidade, criticando a hipótese de uma adolescência universal e enfatizando as dimensões de contexto, Erikson (1976) se coloca como uma alternativa à teoria da "tempestade e tormenta", que predominava entre as demais correntes*".

Em sua reflexão sobre o desenvolvimento psicológico na adolescência a autora recorre à abordagem narrativa e dialógica do desenvolvimento humano,

embasada na epistemologia pós-estruturalista e no construcionismo social e afirma que:

> *"... a linguagem passa a ser compreendida como aspecto nuclear da constituição subjetiva da pessoa, à medida que estabelece o elo entre a ordem do psicológico e a da cultura, por meio dos significados (Taylor, 1986). Dessa forma deixa de figurar como uma função cognitiva para constituir um meio para a ação, a ferramenta por excelência dos processos interdependentes de interação social e formação pessoal (Bamberg, 2004a)... O contexto da formação do self é a interação comunicativa, como parte das transações entre sujeitos coparticipantes de uma dada realidade social, na qual conhecimento e subjetividade se produzem mutuamente, de acordo com influências exercidas por sujeitos que agem e negociam significados em contextos socioculturais concretos (Lopes de Oliveira, 2003)."*

Nessa visão a subjetividade se organiza interna e externamente na relação com o outro e com a cultura e o contexto cultural tem o papel de regular as condições sociais de constituição do senso de si e as narrativas da pessoa sobre sua história e sua identidade são organizadoras da experiência subjetiva e social e da vida mental. Passa-se para a ideia de self que é compreendido como sendo não mais individuado, mas plural, polifônico, organizado na intersubjetividade e ao longo do tempo através de significados apoiados na matriz sociocultural. Para a autora a cultura pessoal inclui a unidade de afeto e racionalidade e "toda ideia racional tem seu contexto afetivo e todo sentimento está intrinsecamente ligado a alguma forma de pensamento sobre a pessoa ou sobre o mundo".

Na visão narrativa a linguagem não é um meio de se revelar uma subjetividade preexistente, mas um ato de construção permanente de identidade através de seleção de eventos que possam ser encadeados numa história coerente, criando-se assim um senso de identidade. Assim há uma interdependência entre narrativas, identidade e desenvolvimento humano.

De acordo com a autora a intensidade dos processos biológicos, aliada à pluralização da experiência psicossocial, faz da adolescência um período de intenso desenvolvimento do *self* e que o que especifica a adolescência é a forma particular como o sujeito vai vivenciar, nas trocas sociais, elementos de identificação de *imitação persistente*, e elementos de *diferenciação* e *criatividade*. Nos contextos urbanos industrializados, segundo a autora, os adolescentes tendem a utilizar mais de processos de diferenciação, que incorporados à chamada cultura juvenil típica de cada geração, pela criação de gírias, de estilos de roupa, de cortes de cabelo, etc. Contudo a despeito desses elementos de novidade há um entrecruzamento de elementos da cultura conservadora dos adultos.

. "*É o caso da forte competitividade intergrupos, da distribuição de poder intragrupo e da tendência à conformidade por parte dos integrantes de cada grupo, da fofoca como dispositivo de socialização feminina e do chiste de conteúdo sexual entre os meninos*.".

..

A autora menciona trabalho de Kraus (2000)[1] que focou a identidade como resultante do trabalho de construção da coerência biográfica, como uma colcha de retalho (*patchwork identity*), e conceitua o *self* como sistema aberto e em constante reconfiguração nas práticas discursivas em situações sociais e que, portanto a linguagem não o *expressa,* mas o *constrói.*

Nesse sentido, a perspectiva narrativa, além de uma epistemologia para a abordagem do desenvolvimento, atende a um preceito ético de uma pesquisa *com*, e não *sobre* o adolescente. Acrescenta que pela sua inscrição sociocultural a adolescência é continuamente seja reconstruída nas práticas sociais, "*assumindo múltiplos significados e funções, conforme o grupo social em tela e os cenários institucionais em que se processa a constituição pessoal do adolescente"*.

2
Kraus, W**.** (2000). Making identities talk on qualitative methods in a longitudinal study. *Forum: Qualitative Social Research [On-line Journal], 1*(2). Disponível em: http://qualitativeresearch.net/fqs/fqs-e/2-00inhalt-e.htm (Accesso em: 11/02/2005).

Assim, todo estudo ou pesquisa sobre os processos na adolescência deverão se dar através de um modelo que considere a singularidade dessas pessoas historiada no seu contexto sociocultural.

CAPÍTULO II

A FAMÍLIA ADOLESCENTE

"Que a família comece e termine sabendo aonde vai

Que o homem carregue nos ombros a graça de um pai

Que a mulher seja um céu de ternura aconchego e calor

E que os filhos conheçam a força que brota do amor...".

(Padre Zezinho SCJ)

No capítulo anterior a adolescência foi apresentada como uma etapa do desenvolvimento individual e que as mudanças que ocorrem no jovem e o modo como se manifestam influenciam os contextos, nos quais ele está inserido, e são influenciadas por esses mesmos contextos. Por isso dentro da perspectiva sistêmica podemos dizer que a família, como seu contexto primário passa elo mesmo processo de crise que o jovem passa e podemos então falar de família adolescente.

Antes de discorrer sobre família adolescente, farei uma breve explanação da família como um sistema que passa por transformações ao longo do tempo, através de crises previsíveis em sua trajetória evolutiva, e estas crises, por sua vez, também sofrem mudanças, ao longo das gerações, pela evolução da tecnologia e de modo recursivo das relações humanas.

A família pode ser compreendida como um sistema, e como tal, e pode ser observada de acordo com princípios de homeostase, morfogênese, não somatividade, *feedback* e causalidade circular. Isto significa que a família enquanto sistema apresenta uma estrutura e subsistemas, um funcionamento, através das relações entre seus membros e subsistemas, em busca de um equilíbrio dinâmico e nesta busca a família passa por transformações em sua estrutura bem como nas formas de comunicação. A família é mais que a soma dos membros e o comportamento de cada um interfere no dos outros e em toda a dinâmica familiar assim como esta influencia os seus membros Estudos clínicos e pesquisas demonstram que a família passa por um ciclo evolutivo que está relacionado com

ciclo evolutivo de seus membros, com o número de pessoas, crenças, valores e tarefas, assim como com sistemas com os quais ela se relaciona.

Vários autores procuraram definir e compreender diferentes fases do ciclo vital familiar baseando-se em diversos aspectos. Pesquisas de campo e estudos clínicos demonstram que as transformações das famílias se dão através de eventos críticos previsíveis (vicissitudes) com negociações de regras, valores e organização de tarefas próprias e condizentes com cada fase que influenciam são influenciados pelo ciclo vital de cada um dos seus membros. Contudo as mudanças podem sofrer impacto de eventos críticos não previsíveis como separações, perda de emprego, dentre outros.

Assim todo o processo evolutivo da família requer um equilíbrio entre utilização de recursos já experimentados, por aquela geração ou por gerações anteriores, e a criatividade através da busca de novos modelos relacionais e de papéis mais condizentes com o momento específico da família e na sua contemporaneidade.

A partir da visão de ciclo evolutivo familiar surgiram, desde a década de 1950, muitas propostas conceituais para evolução da família ao longo do seu ciclo vital com diferentes visões e divisões em diversas etapas.

- Salvador Minuchin, na década de 1990, propôs a divisão em quatro etapas de acordo com a idade dos filhos (formação do casal; casal com crianças pequenas; casal com filhos em idade escolar e adolescentes; casal com filhos adultos).

- Carter e McGoldrick estudando famílias americanas e considerando aspectos intergeracionais, em 1998, postularam a compreensão do ciclo vital familiar a partir de seis etapas de desenvolvimento (saindo de casa – jovens solteiros; o novo casal; famílias com filhos pequenos; famílias com adolescente; lançando os filhos e seguindo em frente; famílias no estágio tardio da vida).

- Cerveny e Berthoud, nos anos de 1996 e 1997, realizaram pesquisa com famílias urbanas de classe média em São Paulo e validaram a divisão de

quatro fases dentro do ciclo vital do sistema familiar conforme esquema abaixo.

1. Fase de Aquisição

Esta fase marca o início da família com casamento formal ou união informal (muito comum nas famílias brasileiras, em especial nas de baixa renda) e é marcada pela escolha dos parceiros, nascimento dos filhos, e a vida com eles. Outro aspecto de aquisição é que, nesta etapa, um ou os dois membros do casal está em fase de início de carreira profissional.

Trata-se de uma fase de construção de um modelo familiar próprio e estabelecimento de fronteiras num processo criativo através de negociações e escolhas do casal a partir de modelos das famílias de origem bem como de novos modelos propostos na teia social em transformação.

2. Fase Adolescente

Esta é a fase em que pais e filhos se encontram em momentos de reflexão e revisão de suas identidades. Os adolescentes questionam valores e regras familiares, preocupando-se intensamente com os papéis que desempenharão no futuro. Já os seus pais, na meia idade, podem estar vivendo questionamento de sua trajetória e identidade profissionais e também repensando o futuro. Os avós podem estar em fase de aposentadoria e começando apresentar certa fragilidade. Isto irá exigir da família a flexibilização de suas fronteiras para dar conta das necessidades de maior autonomia dos filhos e da possível dependência dos avós.

3. Fase Madura

Nesta etapa, os filhos saem de casa para construir sua própria família ou para estudar, trabalhar, etc. O casal volta a ficar só, muitas vezes em época de aposentadoria, crise que oferece a oportunidade de reconstruir a vida a dois. Iniciam-se as preocupações com a própria saúde e muitas vezes o cuidado com os pais que agora podem estar cada vez mais dependentes. Com o casamento dos filhos, começam a chegar os netos e a vivência do papel de avós.

4. Fase Última

Na fase última o casal apresenta maior limitação física, quando não os problemas degenerativos associados à idade A aposentadoria e a viuvez são fatores que vem se somar à reestruturação das relações podendo levar a uma dependência dos filhos. Na atualidade, contudo, tem-se visto idosos cada vez mais ativos e independentes usufruindo de bens e serviços voltados para essa faixa etária.

Cerveny e Berthoud fazem uma diferenciação entre os conceitos de *famílias com adolescentes* e de *famílias adolescentes* a partir de observações de que processos de questionamentos e reflexões sobre a vida e o futuro são vivenciados de maneira intensa não só pelos jovens, mas por todo o sistema familiar e consideram que toda a família adolesce e afirmam que:

> *"Neste sentido, podemos dizer que os filhos, transicionando da infância para a adolescência, e os pais transicionando da fase de adulto jovem para a de adulto maduro, vivem processos com significados psicológicos correlatos – "as crianças" tornam-se adolescentes e os "adultos" tornam-se adultecentes – e assim todo o sistema familiar vive a crise da adolescência.".*

Essas autoras consideram que este fenômeno com típico da pós-modernidade influenciada pela cultura ocidental que valoriza a tudo o que é novo e jovem, a satisfação do prazer como e o consumismo que seria o correlato das múltiplas experimentações típicas da adolescência.

Em pesquisa de campo as autoras puderam observar muitos fenômenos que se intensificam nesta fase e os dividiram em duas categorias principais e que são nomeadas no gerúndio por se tratarem de estratégias manifestas em atitudes e comportamentos, indicando não uma sujeição adaptativa, mas um processo de autoria construtiva e que são:

- **Reajustando as lentes: reconfigurando as relações pais**

- **Vivendo novo ritmo na vida em família.**

Se, antes desta etapa, a família passava por processos relacionados à construção de uma identidade familiar através do estabelecimento de regras internas de funcionamento e estrutura e de definição de fronteiras, agora a família viverá processos de reavaliação de valores, regras e limites e de renegociações uma vez que o jovem adolescente pode agora assumir posições mais autônomas em relação a essas questões.

O primeiro fenômeno observado é a categoria **Reajustando as lentes: reconfigurando as relações pais/filhos** que se caracteriza por movimentos em que todos se veem **construindo a família adolescente** por reavaliação de significados dos padrões relacionais e são evocadas pela necessidade de adaptação à crescente autonomia e maturidade dos filhos.

Os filhos trazem cada vez mais valores sociais contemporâneos e a família se vê diante de um confronto dos valores construídos na fase anterior. Neste processo alguns pais podem sentir-se decepcionados, em dúvida ou culpados, ao reavaliar seu desempenho frente às novas demandas na família e é comum se perguntarem, nesta etapa, “Onde foi que eu errei?”.

Procurando responder a esses desafios os pais procuram transformar a forma de exercer sua função parental **adotando estratégias** pela busca de novos modelos relacionais através de processos de construção e reconstrução contínuas, correspondentes, a meu ver, às experimentações de papéis mencionadas por Erikson, que se manifestam em estratégias como:

- *Adaptando-se ao filho* através de convivência com os amigos, cuidados à distância, para conhecer e se adaptar ao filho contemporâneo, uma vez que não possuem modelos que deem conta dos novos padrões relacionais dessa contemporaneidade.

- Compartilhando a vida através relações mais flexíveis e abertas de maior flexibilidade das fronteiras entre os subsistemas e que se dão através de

estratégias de dialogar, depositar confiança, buscar orientação, dar limites e ser modelo, na tentativa de se evitarem ou administrarem conflitos.

- *Relacionando-se com os filhos* que inclui processos de *aprender* com o filho através de busca de novos olhares no sentido de procurar compreender pelas lentes dos filhos, como a possibilidade de olhar para o filho crescido e diferente da criança que foi. Este olhar, contudo, traz o novo e o velho e assim os pais podem reconhecer e *colher* o que semearam na fase anterior.

A despeito dessas descobertas ainda podem vivenciar "*preocupações e medos*" e até um estranhamento do filho, visto como instável, em que se observam experiências de estarem *sentindo-se perdidos. S*e estiverem muito inseguros alguns pais recorrem à atitude de *reproduzir padrões,* em busca de segurança perdida apegando-se àquilo que lhes é conhecido, o que poderá se somar às dificuldades atuais. Por outro lado poderão *comparar* valores e padrões e procurar *fazer melhor* buscando superar o que consideram falhas dos modelos tradicionais em que foram educados.

As autoras encontraram que o relacionamento familiar é marcado por uma *turbulência* nos valores, modelos e padrões e por um processo ambivalente de mútuo estranhamento e reconhecimento.

- *Vivendo a transição* é um dos processos vivenciados na busca de padrões de convivência mais flexíveis.

- *"Não mais cuidador"* é vivenciado pelos pais através transformação do modo de cuidarem uma vez que as demandas de cuidados se transformam dada a maior autonomia dos filhos que ainda precisam de cuidados, mas de novas maneiras. Isto traz sentimento de estarem *perdendo* suas funções e espaços na vida familiar, podendo experimentar o que as autoras denominam *sentindo-se inútil* e se veem diante do desafio de buscar novos papéis.

- *Recasamento* é uma categoria que, embora não seja um fator inerente a essa fase adolescente da família as autoras destacaram por ser cada vez mais comum nas famílias atuais em especial neste momento em que os pais estão

também se defrontando com a mudança de seu papel parental e, portanto reavaliando sua trajetória conjugal, Elas observaram que as famílias podem vivenciar de muitas formas, dependendo das relações entre pais e filhos antes da separação, e essas vivências não seguem um padrão, poderão ser de *ciúmes, relacionamento distante* ou até *harmonia.*

Vivendo novo ritmo na vida em família é o fenômeno em que a família experimenta a sensação de que todos estão mudando e a vida toma novos rumos e novo ritmo e que todo o sistema busca se reorganizar. Este momento engloba muitas vivências pela família adolescentes que foram observadas e consideras das categorias:

- *Conciliando a vida profissional* que manifesta a necessidade de conciliar as crescentes demandas da carreira profissional com as novas demandas dos filhos em termos financeiros, de horários e rotina.

- *Filhos crescendo* é a categoria que mostra o ponto de vista dos filhos em que eles *se relacionam com os pais de modo diferente* através de muitas atitudes como busca de *autonomia, distanciamento, rompimento da hierarquia, cedendo espaço, sentindo medo da separação, questionando os valores e cobrando* dos pais*,*

- *Voltando-se para os filhos* é o que pode acontecer com muitos pais que manifestam a sensação de estarem vivendo em função dos filhos adolescentes no que diz respeito à organização da casa e das rotinas, prioridades financeiras, padrões relacionais e rotinas que parecem estar em constante mudança e adaptação às novas demandas dos filhos Nesta categoria os pais podem experimentar a sensação de que “são eles que querem ditar as regras” e passar a adotar padrões e regras sociais trazidos pelos filhos e o que nem sempre acontece de modo confortável.

- *Papel da mulher* é a categoria em que a figura feminina nesta fase é considerada importante pela capacidade a ela atribuída de amenizar conflitos, apaziguar os ânimos, e articular as relações entre os membros da família.

- *Relacionamento do casal* passa por diversas transformações ligadas às mudanças em seus papéis parentais manifestando crises individuais ou questões relacionadas à vida conjugal. O casal pode *viver conflitos* e *discordância,* principalmente com relação à educação dos filhos, *e* se não forem hábeis em construir novos modelos relacionais poderá chegar *à separação* ou *afastamento* como solução adaptativa. Por outro lado alguns casais podem adotar uma postura de *lutar pela relação* num movimento de aproximação busca de superação dos conflitos. Neste sentido podem manifestar *respeito às diferenças* e, com alívio das tarefas parentais procurem *passar mais* tempo juntos, o que contribui para a reconstrução da relação conjugal.

O ciclo vital da família não possui um caráter fechado e normativo, mas é influenciado por condições socioculturais. Hoje em dia temos visto mudanças na estrutura da família com os recasamentos que certamente interferem na composição da família, na sua organização e no ciclo vital. Assim irmãos podem viver, por recasamento de um dos genitores, em lares diferentes e em famílias de diferentes fases do ciclo vital.

No início do século XX, o casal poderia estar ao mesmo tempo ainda aumentando a prole e já recebendo netos. Não era incomum ver tios e sobrinhos da mesma idade partilhando as mesmas descobertas. Hoje, isto permanece com o fenômeno dos recasamentos e pode ser encontrado, com frequência, em famílias de baixa renda, em que a pressão para a transposição para a fase adulta é maior por motivos econômicos de subsistência e também pelo fato de que, tanto para pais como para os filhos adolescentes, a escolha profissional não está relacionada com uma perspectiva carreira, mas com o desempenho de tarefas que exigem pouca qualificação. Assim pose-se considerar que a fase adolescente para esse segmento da sociedade tende ainda a ser mais curto que nas classes socioeconômicas média e alta.

Pelo que foi exposto no parágrafo anterior, pode-se considerar que, assim como a busca por trabalho, também a gravidez na adolescência pode levar a uma emancipação desejada. Em atendimentos clínicos e educativos, em uma Unidade

Básica de Saúde, na periferia do sul da cidade de São Paulo, tenho observado que, passada a fase inicial da notícia da gravidez adolescente, é comum ver nascer entre mãe e filha uma relação mais próxima e confidente. A este respeito, Carter e McGoldrick (1995) afirmam que a possibilidade de ter seus próprios filhos parece ser mais atraente para essas jovens conforme abaixo:

> "*Um determinante maior para a permanência ou não da jovem na escola é a gravidez. Uma vez que a escolaridade, compreensivelmente, não merece muito respeito das adolescentes da comunidade de baixa renda, ela não se constitui uma alternativa muito atraente se comparada a ter um bebê... Embora sejam explicitamente contra a gravidez... as filhas que estão aconselhando devem sua própria existência à gravidez precoce de suas mães."*

A família adolescente se defronta com muitos desafios que se concentram em duas questões básicas: a expressão da sexualidade e a preparação para o mercado de trabalho.

As transformações físicas e as primeiras manifestações de interesse sexual podem gerar confusão, medo e insegurança, em especial para os pais, temendo abusos e gravidez indesejada, começam a exercer um controle sobre o comportamento, sobretudo das filhas, enquanto que para os rapazes o controle é menor.

Carter e McGoldrick observaram que se os pais estiverem à vontade com a própria sexualidade, eles poderão aceitar melhor as experiências sexuais dos jovens e exercerem uma melhor orientação aos filhos, o que pode evitar atividade sexual prematura. De modo contrário, negarem ou rejeitarem essas possibilidades poderão favorecer a precocidade da atividade sexual e gravidez não planejada.

Essas autoras afirmam ainda que em relação à sexualidade e a outros aspectos da formação da identidade dos adolescentes

> *"Os pais com um forte senso de eu provavelmente serão menos reativos em relação aos desafios dos adolescentes. Isto não significa que não*

sentirão confusão oi medo, mas eles talvez não pessoalizem tanto suas reações. Em vez de se sentirem atacados ou ameaçados pelas críticas, eles farão perguntas, ouvirão explicações, e compartilharão sentimentos – métodos que ajudam os pais a negociarem diferenças e conflitos."

Do ponto de vista de preparação para o futuro papel profissional, as diferenças entre as classes sociais são mais acentuadas. Nas classes socioeconômicas mais elevadas, há preocupação com a formação acadêmica dos filhos uma vez que o trabalho nestas classes sociais está mais relacionado com a possibilidade de construção de uma carreira profissional. Então a permanência dos filhos na escola é altamente desejada. No Brasil temos visto os pais priorizarem investimentos financeiros em escolas e cursos complementares. Para as famílias de baixa renda a alternativa é a escola pública carente de recursos e somando-se à pressão econômica para a complementação da renda familiar e ao desejo dos adolescentes de ter acesso a bens de consumo, apresentados em meios de comunicação, o resultado o seu ingresso precoce no mercado de trabalho. Por falta de maior qualificação profissional, esses jovens acabam por um lado acelerando o seu processo de amadurecimento à custa da possibilidade de busca de uma carreira profissional.

Na minha experiência com famílias de baixa renda periferia, tenho observado que, nos últimos anos com os programas de inclusão na universidade e com a maior autonomia dos filhos, na fase adolescente da família, os pais e, em especial, as mães retomam os estudos para terminar ensino médio e se graduarem em busca de realização profissional, tornado-se um modelo a ser seguido pelos filhos adolescentes.

CAPÍTULO III

INTERGERACIONALIDADE

Neste capítulo, pretendo discorrer sobre a questão da transmissão de modelos comportamentais de uma geração a outra, ou entre membros de uma mesma geração, de forma intencionada ou não, e que vão influenciar a construção das identidades dessas pessoas.

As famílias colocam à disposição dos seus membros mais jovens vários padrões e modelos interacionais que podem ser escolhidos ou não pelos descendentes no processo de construção de suas identidades, de inserção cultural e de pertencimento a um ou mais grupos. Käes (apud Cerveny 2011) afirma que esses modelos são marcantes mesmo antes do nascimento numa história prévia de expectativas e fantasias dos pais, avós e demais membros família extensa.

De maneira pessoal esse tema me traz recordação de uma amiga, que, na juventude, certo dia, declarou-me o seguinte:

_ "*Não sei bem explicar o que me acontece, mas me parece que eu ando, ando e ando e, quando me dou conta, estou de volta na casinha*".

Ela referia-se às suas tentativas infrutíferas de se livrar de velhos padrões de comportamento, sendo que a "casinha" dizia respeito, também, a crenças e valores familiares considerados ora norteadores da vida, ora obsoletos e ultrapassados. Certamente esta constatação foi o que a motivou a buscar terapia psicanalítica.

Freud em sua obra "Recordar, Repetir e Elaborar", de 1914, aborda a repetição como uma compulsão que se dá na relação transferencial com o terapeuta, como uma forma de resistência à recordação do trauma e que se mostra como um sintoma que de um lado esconde e de outro revela conflitos.

Contudo, se as pessoas repetem comportamentos e padrões ao longo de suas vidas, uma observação das famílias, através da elaboração do genograma proposta por MacGoldrick e Gerson (apud Cerveny 2011), pode revelar a repetição desses padrões, através das gerações, podendo ser eles facilmente percebidos ou por vezes se apresentando de modo sutil, pois eles passaram de uma geração a outra de modo transformado. Segundo Börzömény-Nagy (2003), as laeldades invisíveis são o principal vínculo entre as gerações e são mantidas recursivamente num sistema de trocas e endividamentos que se iniciam com o nascimento de cada membro familiar e se perpetuam através de gerações.

O tema de repetições tem sido abordado pelas várias Escolas da Terapia Familiar dentro do contexto clínico, focalizando aquelas que paralisam a família e impedem o desenvolvimento de seus membros. No entanto, elas nem sempre são negativas, porque também contribuem para a construção de sentimentos de identidade, de pertencimento e/ou de diferenciação e servem de apoio no enfrentamento de mudanças no ciclo vital como, por exemplo, os rituais de passagem, ou de sustento, de resistência e de coesão familiar em situações adversas não previsíveis. Trata-se então, não apenas dos padrões que se repetem, mas também do contexto em que eles se repetem.

Com a crescente industrialização, inserção da mulher no mercado de produção, com o divórcio e recasamentos, as famílias têm se encontrado diante de desafios que influenciam os padrões interacionais e, portanto, a transmissão de modelos interacionais para as novas gerações, numa busca constante, entre o novo e o velho.

Numa revisão histórica sobre a família brasileira Cerveny (2011) nos mostra que:

- No período colonial predominavam casamentos endogâmicos, tanto na elite como nas classes populares e a família era uma instituição vertical baseada nas lealdades pessoais e de parentesco, na territorialidade.

- No final do século XIX, com as transformações sociais, tornaram-se predominantes os casamentos exogâmicos e o poder e a transmissão de valores e padrões interacionais se tornaram mais horizontais, transformando a estrutura hierárquica do poder nas famílias.

- No século XX, com as transformações socioeconômicas e políticas, iniciadas no século anterior pelo fim da escravatura, com a intensificação das imigrações e o aumento dos processos migratórios para os estados do sudeste, nas décadas de 60 e 70, a família brasileira adquiriu novas configurações e, segundo Figueira (apud Cerveny, 2011. página 27), convive com o novo e o arcaico, num processo complexo de transmissão de heranças intergeracionais bem como de adoção e criação de novos modelos em resposta aos desafios da modernidade e incluo aqui os desafios da pós-modernidade com o surgimento das redes sociais virtuais.

Em seu livro “A Família como Modelo”, Cerveny afirma que:

“Assumir o paradigma da intergeracionalidade é acreditar que nossa história relacional é construída com nossos outros, com nossa herança bio-psico-socio-

cultural, embora essa história possa ser sempre retransmitida aos descendentes de outra maneira." (2011, pp18-19).

Segundo a autora acima, na perspectiva sistêmica, não importa buscar o porquê das repetições, mas como elas ocorrem na família, uma vez que nesta visão a família é compreendida como um sistema que possui forças adaptativas que transitam entre a homeostase, a morfoestase e a morfogênese. As duas primeiras contribuem para a manutenção da estabilidade funcional e estrutura, respectivamente, e a terceira para a mudança. A família então se repete, mas isto não significa que está fadada ao destino inexorável porque a cada geração alguns padrões mantêm-se inalterados ao passo que outros são melhorados, transformados ou desaparecem, e neste último caso podem resurgir em gerações alternadas.

Na busca por novos padrões as famílias podem adotar o antimodelo que é a adoção do oposto ao modelo rejeitado e, de acordo com Cerveny (2011), que tem a força deste porque ele continua sendo a referência. O antimodelo pode ser adotado e depois também abandonado.

Os padrões interacionais na família podem ser observados nos seguintes aspectos da vida familiar:

- Na comunicação
- Nas regras familiares
- Nos mitos
- Nas sequencias
- Nas triangulações
- Nas hierarquias
- Nos padrões de afetividade

Na análise da repetição de padrões por meio da **comunicação**, para efeitos de entendimento, podem-se identificar três áreas que na realidade são interligadas:

- Área da transmissão de informação incluindo os elementos que estão a serviço da transmissão da mensagem como códigos, canais, redundância.
- Área da transmissão de significado, ou seja, da semântica e do entendimento entre emissor e receptor.
- Área da relação entre emissor e receptor que diz respeito a como a comunicação afeta o comportamento dos envolvidos.

Assim a comunicação além de transmitir informações e significados, ela define as relações, portanto, os padrões interacionais, pois o comportamento de cada pessoa da família afeta e é afetado pelo comportamento dos outros.

Watzlawick (1973) em sua teoria da pragmática da comunicação afirma que todo comportamento tem valor de mensagem, e que o silêncio também comunica e define relações. Então a comunicação sempre acontece e nem sempre é intencional, consciente e nem sempre resulta em compreensão mútua. Para esse autor as famílias adotam padrões de comunicação em que esta pode ser aceita, rejeitada ou desqualificada por seus membros, definindo respectivamente: interação aberta entre os membros; corte da interação verbal ou gestual, criando segregação, e aceitação da comunicação com atitudes verbais ou não verbais de invalidação da mensagem.

As **regras familiares** podem se definidas como normas que prescrevem ou delimitam os comportamentos dos seus membros (Jackson apud Cerveny, 2011). Elas podem ser explícitas ou implícitas, podem ser quase universais dependendo do contexto cultural da família ou ser mais específicas de determinados grupo familiares, seja família nuclear ou extensa. Para as famílias as regras são compreendidas como proteção do grupo, sendo difíceis de serem mudadas.

Os **mitos**, segundo Andolfi (apud Cerveny, 2011) dizem respeito a formas de leitura da realidade e contém elementos reais e fantasiosos. Eles são construções conceituais características de cada família, a partir de fatos da história familiar, e são em parte herdados da família de origem e em parte construídos pela família atual. Eles respondem às necessidades emocionais da família, e muitas vezes são sustentados por segredos familiares. Estes dizem respeito a eventos que poderiam trazer vergonha aos membros da família. Os mitos se transmitem através da comunicação e têm muitas finalidades, dentre elas, de proteção, estabilização, coesão e diferenciação em relação a outros grupos. Eles podem ser sustentados pela cultura ou, ao contrário ser antagônicos a ela.. Para Framo (1992 apud Cerveny 2011), os conflitos da família de origem interferem nas relações entre cônjuges, entre pais e filhos e entre os filhos e os mitos são sustentados também por segredos familiares.

As **sequencias** envolvem um encadeamento repetitivo de padrões interacionais e podem ser observados em quatro classes, conforme a sua frequência:

- As S1 que duram de segundos a uma hora.
- As S2 que duram de um dia a uma semana.
- As S3 que variam de alguma semana até um ano.

- As S4 que se repetem através das gerações.

As últimas mencionadas podem ocorrer repetidamente a cada geração ou se dar em ciclos de ausência e reaparecimento pelas sucessivas gerações. Elas são obtidas com uso do genograma e da linha do tempo familiar que são técnicas usadas em Terapia Familiar.

O conceito de **triangulação** se refere a um sistema inter-relacional entre três pessoas, envolvendo sempre uma díade e um terceiro, que será convocado a participar quando o nível de desconforto e de ansiedade aumentar entre as duas pessoas, na busca de alívio das tensões. Os triângulos aparecem no processo emocional relacional que se estabelece no sistema familiar e se transmite nas gerações. As interações triangulares podem multiplicadas pelo número de seus membros.

Embora o conceito tenha se desenvolvido no contexto clínico das duplas vinculações em casos de esquizofrenia, para Bowen (1976), Whitaker (1988) e Andolfi (1987) apud Cerveny (2011) elas são, respectivamente: pedras fundamentais em todas as relações; são vitais para o desenvolvimento de fronteiras sadias quanto mais cambiantes e flutuantes elas forem, e; são úteis para a elaboração da separação e da perda. Para Salvador Minuchin (1982, apud Cerveny, 2011) as triangulações são relacionadas a problemas de fronteiras difusas e rígidas, com finalidade de proteger a tríade, por meio de alianças, ou para exclusão do terceiro utilizando-se de colisões.

O termo **hierarquia** diz respeito à organização do sistema em uma estrutura de fluxo de poder, ou seja, ela define quem tem poder e para o quê. A hierarquia, de modo recursivo, define e é definida por regras, padrões de comunicação, de comportamento, e influi na repetição de modelos, pois ordena, limita e subordina as relações dos membros da família. Para Salvador Minuchin (1989 apud Cerveny 2011), ela define e diferencia papéis entre os subsistemas familiares, definindo fronteiras entre as gerações e é mantida por todos.

Aspectos culturais, ou singulares a cada família, podem influir na estrutura hierárquica mais rígida, flexível ou até confusa pela definição fronteiras mais ou menos rígidas entre as pessoas ou subsistemas e podem ser perpetuados através de sucessivas gerações.

Os **padrões de afetividade na família** mudaram ao longo da história. Ariès (1978) afirma que a função afetiva na família era secundária na era pré-industrial, pois a família era um grupo amplo de relações de lealdades e a afetividade era expressa de modo mais livre e dispersa no meio social externo à família. Com a

industrialização, urbanização da sociedade essa função foi se fortalecendo na medida em que as famílias se tornaram menores e nucleares.

As pesquisas de padrões afetivos familiares iniciaram-se com estudos da relação entre esquizofrênicos e suas mães, num primeiro momento, e tiveram continuidade nos desenvolvimentos clínicos de pacientes identificados com esse quadro diagnóstico em interação com sua família ampliada.

Muitos autores se destacam nestes estudos, mas pretendo destacar o pensamento de Whitacker (1990) apud Cerveny (2011) que afirma que nas famílias saudáveis os conflitos e crises são oportunidades de desenvolvimento, tolerando expressões afetivas tanto positivas e amorosas como as negativas, assim como variações entre intimidade e separação nas interações afetivas.

No que diz respeito à gravidez na adolescência Carter e McGoldrick (1995) referem que a gravidez precoce se repete ao longo de gerações em famílias americanas de baixa renda. Em pesquisa realizada com famílias de classe média paulistana, Cerveny (1996) não observou a transmissão transgracional da gravidez na adolescência, mas encontrou repetição de gravidez entre membros de uma mesma geração.

CAPÍTULO IV

RESILIÊNCIA

"O ouro afunda no mar
Madeira fica por cima
Ostra nasce do lodo
Gerando pérola fina."
(Ederaldo Gentil)

Neste capítulo apresento alguns desenvolvimentos do conceito de resiliência para a compreensão dos processos interativos familiares no enfrentamento de situações de crises ou de riscos, tendo em conta que a gestação na adolescência pode ser vivida como uma crise dentro da família bem como na relação desta com o ambiente social.

Resiliência, segundo o dicionário Michaelis, significa: **1** Ato de retorno de mola; elasticidade. **2** Ato de recuar (arma de fogo); coice. **3** Poder de recuperação. **4** Trabalho necessário para deformar um corpo até seu limite elástico, que na física e na engenharia significa a capacidade dos materiais de retornarem à forma original após um processo de deformação.

Inicialmente usado na física ara medir a elasticidade dos materiais, o termo foi tomado pelas ciências da saúde como capacidade de regeneração, adaptação e flexibilidade em casos de doenças, catástrofes, guerras, traumas abruptos ou duradouros.

Os primeiros estudos se deram na década de 1970 no atendimento de famílias, com membro acometido de fibrose cística, em que não foram observados prejuízos psicológicos negativos esperados para as crianças e seus familiares, concluindo-se que estas famílias apresentavam uma capacidade de enfrentar essa condição inexorável de modo a se adaptarem a ela e seguirem suas vidas. A estes se somaram pesquisas envolvendo pessoas e famílias imigrantes, vítimas de holocausto, famílias com portadores de deficiência, extrema pobreza, e vítimas de abusos físicos na infância que não repetiram os abusos na criação de seus filhos, para se compreender a resiliência.

No princípio o conceito compreendia capacidade ou traço individual que tornava a pessoa invulnerável. No final da década de 80 foram realizadas muitas pesquisas, vinculadas à teoria sistêmica, com famílias, no enfrentamento de doenças crônicas, de dependência química, a condição de imigrantes refugiados, de vulnerabilidade à violência urbana e à violência doméstica.

Souza (2005) refere que para Joän M. Patterson (2002 apud Souza 2002) o reconhecimento de forças e habilidades é fundamental para o desenvolvimento de

mecanismos que levam a resiliência e procurou diferenciar resiliência familiar enquanto capacidade (*resiliensy*) e enquanto processo (*resilience*) e afirmou que as crises são fatores de desenvolvimento de fatores protetores da família e que a exposição a fatores de risco pode estimular o desenvolvimento de habilidades não observadas.

Segundo Patterson (2002) a família experimenta uma crise quando as demandas diárias estão acima da capacidade de enfrentamento o que a leva a uma mudança na estrutura ou nos padrões de interação. A crise pode levar à melhora ou piora do funcionamento familiar. Para restaurar o equilíbrio a família pode reduzir o nível das demandas, aumentar suas capacidades e/ou mudar os significados pelos quais interpreta a situação. Contudo essa autora diferencia famílias competentes de famílias resilientes sendo estas, assim consideradas, apenas quando expostas a eventos e situações de alto risco contínuo e eventos traumáticos severos. Para ela a família resiliente é aquela capaz de cumprir com sucesso suas funções (formação e função enquanto unidade, suporte econômico, cuidados, educação, socialização, e proteção de membros vulneráveis) e conclui que as demandas do ciclo vital embora não sejam considerados estressores significativos, a dificuldade em manejá-los pode disparar fatores de risco adicionais assim como crises adicionais.

Outros autores não fazem essa diferenciação entre famílias resilientes e famílias competentes, pois consideram que a família está sempre sob riscos inerentes à vida, como as transições de ciclo vital, e que mesmo condições desejadas podem trazer mudanças que se constituem em fatores estressores, Embora nem sempre sejam de riscos, sob esses fatores os planos têm que ser revistos, assim como o funcionamento da família, e as fronteiras reorganizadas. (Flack 1991, Walsh 1996, 1998 apud Souza 2005).

Uma gravidez não planejada, por exemplo, pode ser um fator estressor e gerador de vulnerabilidade na família para a adolescente e o bebê. O despreparo da jovem mãe associado ao distanciamento familiar e à falta de recursos sociais de acolhimento podem expor a essa adolescente e seu filho a riscos de preconceito, negligência e maus tratos. Souza (2005) alerta que a resiliência depende não apenas da família, mas também das oportunidades oferecidas pelos sistemas sociais.

Patterson (2002) refere que a família possui um sistema de significados que a leva a interpretar grau de estresse das situações, das próprias capacidades de enfrentá-los e da forma que essas capacidades e recursos serão utilizados. No caso de uma gestação em quaisquer circunstâncias, o nascimento será interpretado como risco ao sistema, dependendo do sistema de significados que depende das condições em que se ele dá, dos valores culturais, dos valores familiares, facilitando ou dificultando o enfrentamento da situação. A autora afirma ainda que, no

enfrentamento de situações de risco, as famílias se utilizam de mecanismos protetores baseados nos seus padrões de funcionamento, na comunicação.

Segundo Froma Walsh (1998 apud Souza 2005) a resiliência não é um conjunto estático de forças, mas um processo de desenvolvimento das famílias no enfrentamento dos desafios que incluem as crises esperadas do ciclo vital, as crises não previstas, abruptas ou contínuas, e as rápidas mudanças do mundo moderno. Para essa autora as adversidades são oportunidades de desenvolvimento de resiliência, pois nas crises as famílias mostram potencialidades nunca observadas e experimentadas e saem fortalecidas dos enfrentamentos e mais capazes de lidar com dor e seguir adiante.

Para a autora mencionada acima há três processos que ajudam as famílias a enfrentar os desafios:

- **Padrões de organização** que dizem respeito à flexibilidade para mudança em que os papéis são renegociados ao longo do ciclo vital e em outras situações de crise; rituais; conexão como manutenção da unidade familiar respeitando-se a autonomia; respeito à individualidade; liderança que protege e respeita; relacionamento igualitário e recíproco entre os membros do casal; fronteiras demarcadas e flexíveis entre família nuclear e de origem; uso de recursos internos à família e da comunidade.

- **Padrões de comunicação** no sentido de compartilhar informações com a família e com a comunidade; o compartilhamento de sentimentos de forma respeitosa; a empatia e o humor; atitudes colaborativas nas soluções dos problemas, com trocas de ideias e negociações.

- **Sistemas de crenças** que se conectam com o significado da adversidade que é socialmente construído quando a família pode partilhar seus pensamentos e sentimentos sobre uma situação podendo enfrentar o problema pro meio de colaboração mútua. A avaliação da crise irá interferir no modo que a família irá enfrentá-la. As crenças estabelecem regras de conduta e podem mudar e se atualizar através do ciclo vital, das gerações com as mudanças do mundo em geral. Aos sistemas de avaliação se associam a: crenças causais explicativas que são influenciadas por valores culturais e religiosos que determinarão causas externas ou internas à família; e expectativas futuras que interferem nas ações a serem realizadas. Estas dizem respeito à perseverança e encorajamento, às esperanças (que podem não depender da situação, mas nas experiências anteriores frente a desafios), à focalização nas forças e no potencial, à crença nas habilidades, e à aceitação de limites reunindo esforços no que avaliam que é possível.

Para Walsh (1998) o compartilhamento de histórias e rituais é um poderoso recurso de resiliência, pois crenças e significados são expressos nas histórias que nós e nossas famílias contamos, e elas se transformam quando são contadas e recontadas, pois, a cada narrativa, segredos ou aspectos secundários são revelados ou evidenciados abrindo novas possibilidades.

Souza (2005) amplia essa visão de processos por meio da ideia de interseção da cultura com a resiliência familiar no campo dos significados. Ela afirma que embora cada pessoa possua um modo de sentir e pensar particular a autora refere encontrar generalidades na visão de mundo da família como um todo, da família extensa, da comunidade e do país. Ela conceitua a resiliência individual e familiar como "*um sistema em si mesmo envolvendo um processo dinâmico de interação entre vários aspectos tais como fatores de risco e protetores (individuais, familiares e comunitários), o contexto histórico e o social, mediados pela interpretação e pela atribuição de significados.*". (Souza 2005 p.81).

Segundo a autora acima as pessoas não podem mudar o passado, mas podem aprender com ele e dar um sentido significativo e isto pode ser comparado ao conceito de resiliência desenvolvido por Adalberto Barreto (2010) na prática da Terapia Comunitária em que ele fala da carência que gera competências, utilizando-se da metáfora das ostras e das pérolas. Esse autor refere que a ferida na ostra produz uma preciosa pérola e conclui que o trabalho do terapeuta não é focar nas feridas, mas, a partir delas, procurar as competências, considerando assim que todos as têm.

.

CAPÍTULO V

TRABALHO COM ADOLESCENTES

Neste capítulo pretendo contextualizar a inspiração para esta pesquisa que foi a minha prática com adolescentes.

Trabalho na Unidade Básica de Saúde do Jardim Souza, localizada na Subprefeitura de M'Boi Mirim, Coordenadoria Regional Sul de Saúde. Este equipamento de saúde atualmente é responsável pela atenção de uma população cadastrada de aproximadamente 29.000 habitantes, de acordo com dados coletados pelo SIAB, (mês e ano), através da Estratégia Saúde da Família.

Realizo, em parceria com a colega Luci L. B. Lazzarini, desde 2008, oficinas de prevenção de gravidez na adolescência baseadas no modelo do Projeto Vale Sonhar do Instituto Kaplan, com os seguintes objetivos:

1. Reduzir a incidência de gravidez na adolescência na área de abrangência da UBS do Jardim Souza
2. Despertar nos jovens uma postura responsável e ética, possibilitando escolhas conscientes a respeito de sua própria sexualidade.
3. Possibilitar reflexões sobre sonhos e projetos pessoais e profissionais e relacioná-los a prevenção de gravidez na adolescência.
4. Prevenir DST/AIDS.
5. Informar sobre métodos anticoncepcionais, sua eficácia e acessibilidade.
6. Aproximar adolescentes e equipamento de saúde da região de acordo com os princípios do SUS de acessibilidade e equidade, uma vez que os jovens são uma população de maior vulnerabilidade à gravidez não planejada.
7. Criar uma rede de conversas sobre os temas abordados nas oficinas através da aplicação do projeto em todas as escolas da região.

O Projeto foi implantado nas três escolas públicas da área de abrangência da UBS:

- E.E.Eugênio Antonio Aggio
- E.E. Antonio Bernardes
- E.E.Eugênio Mariz de Oliveira Netto

Participaram do projeto 2255 jovens do Ensino Médio e oitavas séries do Ensino Fundamental (até maio de 2012, Relação Geral do Projeto Vale Sonhar, UBS Jardim Souza).

O Projeto Vale Sonhar utiliza uma metodologia de prevenção de gravidez na adolescência baseada em quatro estratégias pedagógicas, aplicadas por meio de três oficinas:

1. Confirmação Social - Desenvolver na comunidade escolar o conceito realista de que adolescência pode não ser um período adequado para se ter um filho
2. Habilidade e conduta - Desenvolver no jovem a aprendizagem do controle da capacidade reprodutiva
3. Informação - Promover informações sobre sexualidade e prevenção.
4. Percepção do impacto da gravidez no Projeto de Vida - Utilizar o sonho de vida de cada jovem como o elemento motivador para a prevenção.

As oficinas são desenvolvidas conforme os seguintes temas:

1ª Oficina - “O despertar para um sonho” - neste encontro, os jovens se apresentam e falam sobre seus sonhos pessoais e profissionais e vivenciam uma viagem para o futuro, sendo que alguns viajarão “grávidos” com objetivo de, no final, discutir as consequências da gravidez na adolescência para meninos e para meninas.

Nesta oficina incluímos apresentação em duplas introduzindo a ideia de que quem não se comunica está vulnerável à gravidez. Realizamos um contrato em que respeito e comunicação não violenta são desejáveis para o desenvolvimento das oficinas, bem como para a expressão amorosa envolvida sexualidade.

2ª Oficina - “Nem toda relação sexual engravida” – esta oficina inicia com sondagem a respeito do que os jovens conhecem sobre anatomia e fisiologia da reprodução e sobre as práticas sexuais conhecidas pelo grupo e em seguida uma gincana é realizada sobre o assunto e sobre práticas sexuais com risco de gravidez.

3ª Oficina – “Engravidar é uma escolha” – Neste encontro, através de uma gincana nós discutimos sobre os métodos contraceptivos existentes e quais previnem gravidez e/ou DST/AIDS e quais são elegíveis para adolescentes.

Nós acrescentamos conforme, nossos objetivos, as informações sobre quais estão disponíveis na UBS, pois se trata de uma população de baixa renda e que pode ter dificuldade de acesso a métodos contraceptivos adquiridos em farmácias e consultórios particulares.

O interesse por esta pesquisa nasceu das conversas com adolescentes, em especial na primeira oficina, quando iniciamos perguntando aos jovens quais os seus sonhos pessoais e profissionais e tem sido interessante ouvir relatos de jovens, a maioria, que desejam cursar faculdade, sendo eles de escolas públicas da periferia de São Paulo. Isto difere muito do que eu encontrava há 22 anos quando iniciei meu trabalho em outra UBS num bairro próximo e com população semelhante do ponto de vista socioeconômico. Sem dúvida a possibilidade de acesso à universidade é maior agora e passa a ser um sonho possível embora ainda alcançado com muito suor, tanto por parte dos jovens como de suas famílias.

Outro sonho é o de poder ajudar os pais financeiramente assim que estiverem trabalhando, pois reconhecem que estes não tiveram as mesmas oportunidades. Constituir família é desejado, mas a maioria refere que isto é adequado a partir dos 25 anos, após terem sua vida profissional definida. Para a maioria desses jovens, filhos são bem vindos após o casamento ou união estável (quando estiverem “morando junto”). Aproveitar a vida, como sair em baladas, ficar e namorar, é revelado como o melhor antes de se unirem a alguém.

Depois desta conversa simulamos um teste de gravidez para moças e rapazes, após uma relação sem prevenção. Alguns ficam grávidos (as) e outros não. Aqueles recebem uma bexiga que devem encher e colocar sob as blusas. Para as

meninas é simulada a própria gravidez e para os rapazes a paternidade. A partir daí, solicitamos que de olhos fechados imaginem o que estariam sentindo após o resultado do teste. Para os jovens “não grávidos” indagamos o que aprenderam com aquela vivência. Para os “grávidos” perguntamos como foi a experiência de contar para a família, qual a reação deles, o que mudou em suas vidas após esta gestação. Então iniciamos uma “viagem” ao futuro (10 anos) e eles poderão ver como ficaram os seus sonhos pessoais e profissionais.

Ao partilharmos as respostas surgem relatos de que são xingados pelos pais ou apanham, são expulsos de casa ou até obrigados a se casar. Muitas jovens dizem que na viagem deixaram É interessante como no discurso assumem papéis parentais tradicionais, sendo as jovens responsáveis pelo cuidado dos filhos e os rapazes com o papel de provedores.

Muitos referem que suas vidas mudam para pior porque não realizam seus sonhos e ficam aliviados por ser tudo imaginação ao final da vivência. Uma minoria conta que nada mudou, todo deu certo, os pais cuidaram da criança e eles então puderam seguir seus objetivos sem maiores dificuldades. Há ainda aqueles que “deletam” o bebê seguem a viagem sem pensar nele. Daí discutimos formas de “deletar” uma criança e eles falam de aborto, abandono, doação. Também têm a oportunidade de falar sobre suas histórias pessoais de terem sido gerados na adolescência dos seus pais, de terem sido abandonados por alguns dos pais (em geral o pai) e terem sido criados por avós.

A grande maioria dos jovens refere não ter com quem conversar sobre sexualidade e se orienta, na maioria das vezes, com amigos ou parceiros que possuem informações pouco seguras e carregadas de preconceitos, então é importante se conhecer como as famílias vêm lidando com a questão da sexualidade de seus filhos e se estas atitudes contribuem para a gravidez na adolescência.

Estas conversas me despertaram a curiosidade sobre como é para os jovens lidar com esta situação e para as suas famílias. Quais são os desafios a serem enfrentados do ponto de vista destas famílias.

Pelo exposto acima, considero que o presente trabalho será relevante para profissionais que trabalham com adolescentes de um modo geral e em especial nos programas de prevenção de gravidez, e de atenção aos jovens de camadas mais pobres da população e no sentido em que as ações educacionais e assistenciais sempre estarão no campo de valores e de significados. As contribuições serão uma reflexão sobre uma situação considerada como problema social e de saúde a partir das famílias que a vivem.

OBJETIVOS

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender como é a vivência para os pais de adolescentes quando seus filhos se tornam pais.

Este objetivo pode ser definido em termos de objetivos específicos abaixo:

- Conhecer os sonhos e expectativas da família para a (o) jovem antes da gravidez.
- Compreender o significado da gravidez na adolescência para a família àquela época. O que imaginavam sobre quais seriam os efeitos para as famílias.
- Compreender os significados da gravidez na adolescência agora que ela se concretizou e quais os efeitos sobre a família e como os tem enfrentado.
- Conhecer as expectativas sonhos da família após a gravidez.
- Levantar as conversas e atitudes das famílias sobre sexualidade e métodos contraceptivos antes e depois da gravidez.

METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa qualitativa com delineamento de estudo de caso coletivo.

Participantes:

Os participantes foram as mães de dois adolescentes genitores, de 14 e 17 anos, cadastrados na Unidade Básica de Saúde da Família do Jardim Souza de M'Boi Mirim:

- Participante K com idade de 33 anos, com escolaridade de segundo grau completo, trabalhadora na área hoteleira, Vive em segunda união há oito anos e tem filha única adolescente de 14 anos.
- Participante S com 38 anos de idade, com primeiro grau completo, trabalhadora na área de limpeza em empresa terceirizada em creche municipal. Casada há 18 anos (segunda união) e tem cinco filhos: três do sexo masculino com idades de 21, 17 e 13 anos; e duas garotas de 15 e 11 anos.

Instrumentos:

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as mães de dois adolescentes genitores de ambos os sexos

Nas entrevistas foram realizados genogramas das famílias e não foi utilizado um roteiro, mas a pergunta disparadora: "O que significou a gravidez de... para você?" para que elas falassem sobre valores, sentimentos, estratégias de enfrentamento e formas de orientação sexual. O

Procedimento

O contato com os participantes foi intermediado por enfermeiras da Equipe de Saúde da Família. Esses profissionais alegaram ter tido uma redução de casos de adolescentes grávidas no último ano e também desconhecimento a respeito de

rapazes que haviam sido pais, com exceção de um jovem, cuja família havia acolhido sua namorada, de 20 anos e que havia feito o pré-natal na UBSF, porque ela havia se desentendido seus próprios pais e colocada fora de casa. Uma terceira família foi indicada, mas desistiu porque a jovem de 14 anos havia saído de casa e estavam muito desgostosos e sentindo-se sem condições de enfrentar conversas com estranhos sobre o assunto.

Foram entrevistadas duas mães de adolescentes porque elas não vivem com os pais biológicos dos jovens e os padrastos não puderam participar. Um deles, embora tenha sido convidado por telefone, no dia marcado não estava presente e, segundo a companheira, ele não se sentia preparado para falar do assunto por não ter experiência como pai. Com o outro, como não pode comparecer à entrevista foi marcado um segundo dia ao qual também não atendeu.

As entrevistas foram realizadas em data e horário que convenientes para as famílias e em seus domicílios, e após a leitura, a aceitação e a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido respeitando os princípios éticos estabelecidos.

Essas entrevistas não tiveram a finalidade de mensurar dados, mas de levantar significados das pessoas a respeito do tema.

Análise de dados

A análise de dados foi realizada pelo método de categorias a partir dos objetivos da pesquisa, para fins didáticos, sendo elas as que se seguem, e algumas divididas em subcategorias:

- Sonhos e expectativas dos pais em relação aos filhos:
    - Antes da gravidez
    - Depois da gravidez
- Significados da gravidez adolescente em termos de crenças, valores e princípios.
- Significados da gravidez adolescente em termos de sentimentos e reações emocionais.

- Significados da gravidez adolescente em termos de efeitos:
    - Para a família
    - Para os pais
    - Para os jovens
- Significados da gravidez adolescente em termos de estratégias de enfrentamento da situação:
    - Dos pais
    - Dos jovens
- Atitudes dos pais sobre questões relativas à sexualidade
    - Antes da gravidez
    - Depois da gravidez

RESULTADOS

Os dados a seguir foram divididos por família e organizados em genogramas para cada uma e em tabelas para cada família, com os conteúdos das entrevistas organizados por categorias conforme os objetivos.

Nos genogramas, as letras iniciais, que identificam os nomes, e as idades dos jovens estão marcados em negrito e o evento gravidez na adolescência nas gerações está indicado por reforço dos símbolos que indicam as pessoas para quem ocorreu a geração de filhos na adolescência.

Família B da jovem T

Genograma

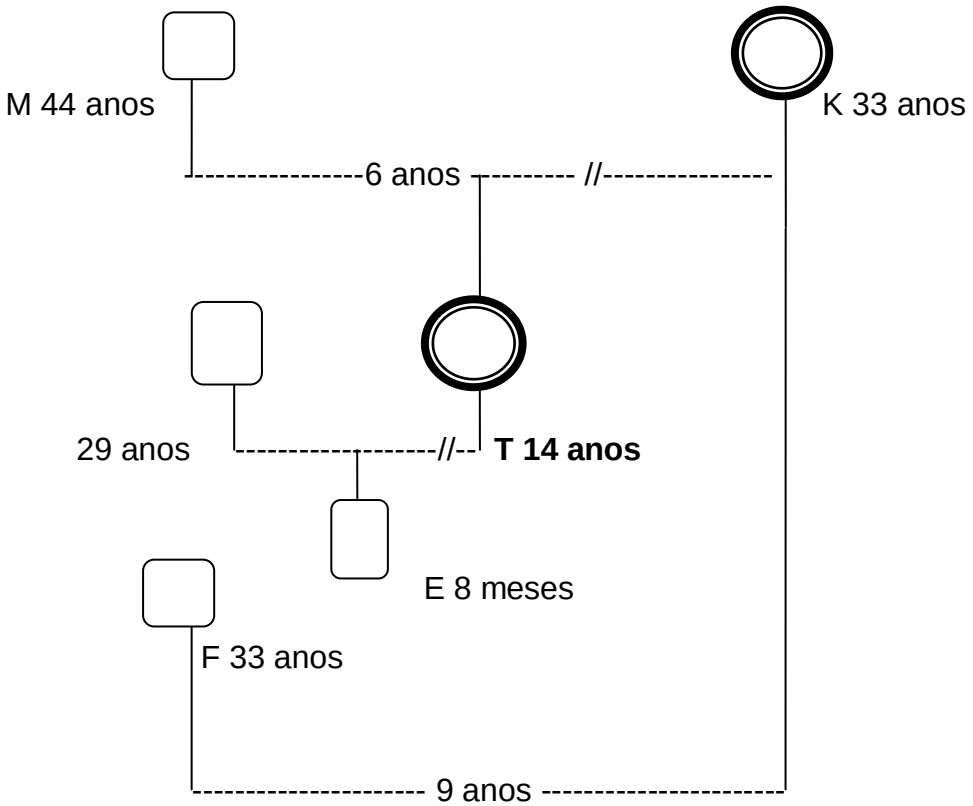

Tabela 1 - Sonhos e expectativas dos pais em relação aos filhos	
Antes da gravidez adolescente	Que tivesse amigos como toda adolescente Primeiro estudar, depois trabalhar e depois bancar uma família Não seguir o meu exemplo de ter engravidado na adolescência Que tivesse um futuro diferente do meu Preocupação de não passar o que passei Não tinha um sonho profissional Que crescesse profissionalmente e como ser humano
Depois da gravidez adolescente	Os sonhos não mudaram, mas será mais difícil. Ela no futuro vai abrir mão pra dar um futuro melhor pro filho dela Que a gravidez sirva de experiência Atingir os seus objetivos Encontrar uma pessoa bacana pra dar auxílio

Tabela 2 - Significados da gravidez adolescente em termos de crenças, valores e princípios.
Crenças e valores
O jovem é impulsivo, mas está ciente do que faz.
Os jovens tem conhecimento dos riscos
Jovem acha que com ele não acontece
O jovem escolhe o seu destino se engravida
Estragar a vida dos jovens
O jovem se deixa levar pela influência do outro, pela fantasia.
É uma gravidez precoce
Pode ser traumatizante

Com um filho tudo muda.
Jovens não estão preparados para serem pais e não têm condições de criar sozinhos
Jovem precisa de apoio e sozinho (a) não pode dar futuro ao bebê
O bebê precisa de um lugar seguro
Se eu tivesse a cabeça que eu tenho hoje eu não teria filho
Adolescentes têm que ter amigos
Jovens são mais fechados com os pais a respeito de sexualidade
A rigidez afasta o filho jovem
Jovem acredita que os pais cobram, impedem e sufocam.
Ao engravidar o jovem não cumpre a meta traçada pelos pais
A criança não tem culpa ela não entende

Tabela 3 - Significados da gravidez adolescente em termos de sentimentos e reações emocionais
Um choque
Decepção
Mexe com o emocional
Abater-se
Revolta
Raiva porque dei toda condição para que não acontecesse
Tumulto
Preocupação com o futuro da criança
Preocupação com a imaturidade da jovem
O bebê é uma bênção
Esperança de um futuro melhor para a criança e a jovem

Tabela 4 - Significados da gravidez adolescente em termos de efeitos	
Na família	Tumultuado no começo porque os pais não querem Mexe com a estrutura da família A criança prende a jovem e seus pais. Problemas com a guarda
Nos pais	Envolvimento em tarefas com o bebê. Era pra eu estar estudando agora, mas eu tive de abrir mão. Perda de peso
Nos jovens	Término do relacionamento (não deu certo) Desânimo inicial Necessidade de distração fora de casa Ela ficou meio abatida por não poder ir morar com o pai do bebê Já não tem mais a liberdade que tinha antes de ter o bebê. Exige muita responsabilidade. Gostar do bebê

Tabela 5 - Significados da gravidez adolescente em termos de estratégias de enfrentamento	
Dos pais	Acolher Acompanhar o pré-natal Cuidar do bebê ou em revezamento. Assumir financeiramente Não permitir que a filha saia de casa por considerá-la imatura. Abrir mão de coisas Afastar a criança do pai devido à questão judicial Dar suporte e apoio Não jogar na cara

	Usar as experiências que teve para dar suporte psicológico
Dos jovens	Cuidar do bebê Deixar de estudar para evitar comentários Passar a estudar à noite após alguns meses

Tabela 6 - Atitudes dos pais sobre questões relativas à sexualidade	
Antes da gravidez	Falar de sexualidade hoje não é assunto delicado Ser explícita sobre o assunto Levar a filha ao médico quando descobre que não é mais virgem Não ter vergonha de procurar auxílio médico Dar suporte para a jovem se prevenir O rapaz tem que dar suporte e comprar a pílula Atendimento no convênio é melhor que no serviço público Manter a atenção sobre os filhos Cuidar das relações familiares que podem levar o filho a querer sair de casa mais cedo
Depois da gravidez	Não tem muito o que fazer Orientar ambas as partes Esperar que a jovem siga o recomendado Estar atenta e conversar abertamente

2. Família M do jovem WR

Genograma

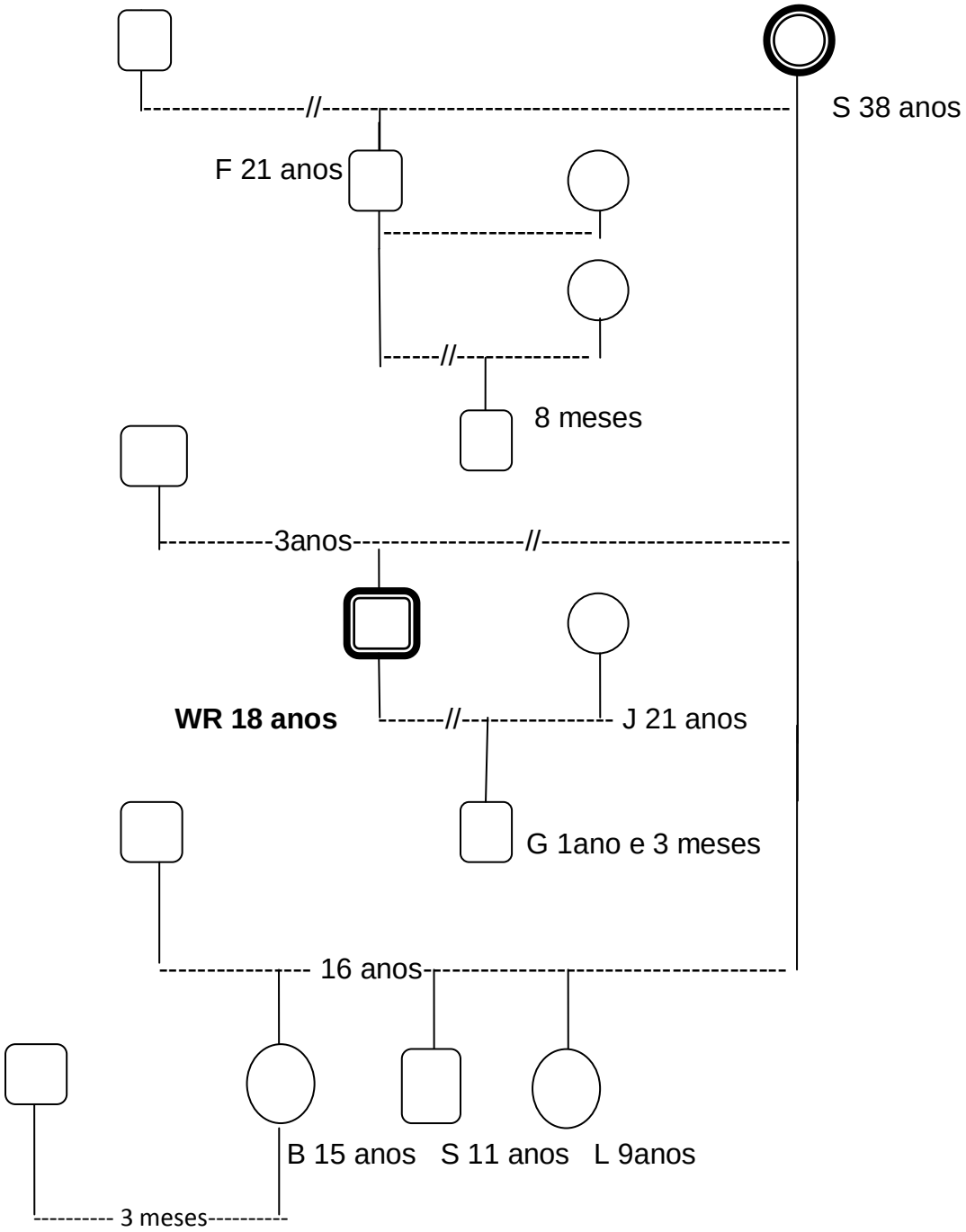

Tabela 7 - Sonhos e expectativas dos pais em relação aos filhos	
Antes da gravidez adolescente	Que o adolescente não tivesse filho nessa etapa da vida Que tivesse responsabilidade Que estudasse. Que arrumasse um trabalho Que tivesse uma boa esposa
Antes da gravidez adolescente	Sonho acabado Que os dois cuidem dos filhos O filho arrumar trabalho prá ajudar o filho dele Tudo vai mudar Família estruturada Cada um em sua casa Família reunida e andando no caminho certo Ver minha família bem

Tabela 8 - Significados da gravidez adolescente em termos de crenças, valores e princípios.
Irresponsabilidade
A responsabilidade é dos dois
Estragar a vida dos jovens
Com um filho tudo muda.
Jovem que não cuida é cabeça dura
O bebê morre de fome se depender só de seus jovens pais
Hoje em dia não é fácil criar filho
Antigamente não existia droga e nada disso que está acontecendo
Antigamente as mulheres não engravidavam tão fácil como hoje
Se tivesse a cabeça que eu tenho hoje eu não teria filho
Muito difícil

Tabela 9 - Significados da gravidez adolescente em termos de sentimentos e reações emocionais
Susto
Dor de cabeça
Surpresa
Preocupação com o futuro da criança
Medo do Conselho Tutelar em caso de solicitação de guarda
O bebê é uma bênção
Esperança de um futuro melhor para a criança, o jovem e a família como um todo.

Tabela 10 - Significados da gravidez adolescente em termos de efeitos	
Para a família	Desentendimento familiar
	Mexe com a estrutura da família
	Problemas com a guarda da criança
Para os pais	Discussão entre os pais
	Sobrecarga de tarefas
	Perda de sono
	Começo de depressão
	Angústia
Para os jovens	Agressividade entre o casal
	Término do relacionamento (não deu certo)
	Desânimo com a vida
	Necessidade de distração fora de casa
	Negligência com as próprias coisas
	Cobranças dos pais quanto a trabalho
	Gostar do bebê

Tabela 11 - Significados da gravidez adolescente em termos de estratégias de enfrentamento	
Dos pais	Acolher Acompanhar o pré-natal Cuidar integralmente do bebê Assumir financeiramente Dar suporte e apoio
Do jovem	Afastar-se do bebê Afastar-se de casa Deixar de estudar

Tabela 12 - Atitudes dos pais sobre questões relativas à sexualidade	
Antes da gravidez adolescente	Conversar comas filhas e filhos desde novinhos sobre prevenção de gravidez Ser explícita sobre o assunto com os filhos Dizer para o filho usar preservativo Dizer para o filho mandar a menina ir ao médico tomar pílula anticoncepcional Levar a filha ao médico quando descobre que não é mais virgem Saber que a filha está tomando anticoncepcional Permitir à jovem ir morar com o rapaz se ele é bom Mulher operada não faz prevenção Manter a atenção sobre os filhos
Antes da gravidez adolescente	Orientar o rapaz a usar camisinha já que está saindo com meninas

ANÁLISE DE DADOS

Conforme mencionado nos resultados, a análise dos dados foi realizada por categorias a partir dos objetivos.

Na categoria **Sonhos e expectativas dos pais em relação aos filhos** se observa que as famílias declaram que a gravidez adolescente não era esperada e, **antes dela**, desejavam que os filhos estudassem, mas não explicitamente profissões já determinadas ou que chegassem à universidade. No entanto a mãe de T referiu que ela mesma poderia fazer um curso tecnológico se a filha não tivesse engravidado.

"Eu não queria que meu filho tivesse arrumado filho agora." (S mãe de WR).

"Não é que eu assim sonhava com alguma profissão. Só queria que ela tivesse um futuro diferente do meu. E lá na frente quando ela estivesse trabalhando ela dissesse ' agora eu já estudei agora eu já tenho condição de ter uma família, '" (K mãe de T)

"... era pra mim estar estudando agora, porque eu terminei o meu ensino médio lá no Flavio também já pra entrar em outro curso que eu quero fazer um curso na área da segurança do trabalho ou quero pesquisar a assistência social ou alguma coisa nesse sentido que eu gosto, mas aí por enquanto eu tou abrindo mão pra que ela venha terminar os estudos dela." (K mãe de T)

Para as mães era importante que os filhos encontrassem um (a) companheiro (a) adequado (a) e com ele (a) construíssem a sua própria família nuclear e viessem a ter mais independência.

"Procura estudar, depois trabalhar, depois você vai bancar uma família". (K mãe de T)

As mães manifestaram expectativas de que seus jovens não gerassem muitos filhos ou repetissem o seu destino, em caso de terem elas próprias engravidado na

adolescência, o que as leva a ser bem explícitas e assertivas em relação às orientações com relação às filhas.

“Assim, o meu exemplo de engravidar nova não foi bom, né.” (K mãe de T)

“Eu, como tive muito filho, então eu tento alertar os meus filho o máximo que eu posso.” (S mãe de WR)

Para uma das mães, as amizades são consideradas desejáveis, porque ela própria assumiu responsabilidades muito cedo e, então, uma expectativa era de que seus filhos estudassem e frequentassem festas e amigos como elas mesmas não puderam, manifestando-se a visão de Erikson da adolescência como período de experimentação de múltiplas identidades, com seu grupo de pares e assumindo um estilo de vida peculiar.

“... que a gente esperava que ela tivesse um outro seguimento de vida, né, e não de mãe precoce, né, a gente esperava que ela estudasse, que ela se formasse, que ela tivesse amigos como toda adolescente.” (K mãe de T).

Após a gravidez o cenário de sonhos pode mudar para visões mais pessimistas de que o sonho está acabado ou de que podem se manter as esperanças, só que com mais dificuldades para que os jovens atinjam os seus objetivos de crescerem pessoal e profissionalmente.

“É, eu tenho a esperança que... que um dia, tudo vai melhorar, né. Que eu vou ver meus filho tendo futuro, cada um tendo um futuro melhor que o outro. ‘Tendeu? Meu sonho é ver minha família todo estruturada, cada um no seu cantinho, cada um cuidando da sua vida e deixa eu e meu “véio” viver em paz. Né? Ter um pouco de paz e sossego...” (S mãe de WR)

Para as famílias é importante que os dois assumam a responsabilidade com a criança que geraram Para as moças é esperado que elas abram mão ou caminhem mais devagar para atingir seus objetivos de forma a cuidarem de seus bebês. Já para o jovem pai a expectativa imediata de que venha a trabalhar para contribuir financeiramente para a criança. Isso parece indicar que para os jovens pais resta

assumir divisão de tarefas de cuidados com os bebês seguindo modelo parental tradicional de mãe cuidadora e de pai provedor.

“Eu espero que ele mude a cabeça, procure um... um trabalho, ajude o filho dele. É isso que eu penso, volte a estudar, que é um menino muito novo, abandonou a escola.” (S mãe de WR)

“Aí se for para colocar no mundo e deixar pra outra pessoa cuidar, aí é diferente. Entendeu? Porque assim, como eu tive ela aos dezessete anos, também eu não consegui terminar os meus estudos, né!... Então, agora ela tá estudando à noite pra recuperar o ano passado que ela perdeu.” (K mãe de T)

Vivendo as dificuldades que a gravidez adolescente traz ás famílias a esperança de que de alguma maneira eles retomarão o seu caminho em direção a uma etapa seguinte do seu ciclo vital de forma, para elas, mais adequada.

“É... é minha esperança. Eu acho que é a esperança de toda mãe, né? Vê sua família toda estruturada, cada um cuidando da sua vida, cada um trabalhando, cada um andando no caminho certo. Né? Esse que é o sonho de toda mãe. Minha felicidade é ver minha família bem.” (S mãe de WR)

Outra esperança é de que a gravidez sirva de experiência e aprendizagem para o futuro desses jovens e assim elas possam seguir adiante.

“Mas ela vai ter um futuro melhor se Deus quiser, vai servir de experiência e ela vai ter um futuro melhor pra ela proporcionar um futuro melhor pro filho dela, né.” (K mãe de T)

A segunda categoria é a dos **Significados da gravidez adolescente em termos de crenças, valores e princípios** que são muito variados em relação ao tema gravidez na adolescência.

Surgiram significados relacionados à gestação e suas prováveis causas que são atribuídas à irresponsabilidade do jovem casal, à impulsividade e ao fato dos jovens conhecerem, mas, em seu comportamento, ignorarem os riscos, achando

que com eles nada acontece, ou por se deixarem levar por influência de seus pares e pela fantasia.

"Dor de cabeça, né, porque os dois são respon... irresponsável." (S mãe de WR)

"Acho que... se eu fizesse isso na minha adolescência que adolescente não pensa, não tem jeito, que às vezes assim é uma coisa que você faz de impulso e quando você vê já tá feito e não dá pra volta atrás e nunca assim eu pensei em fazer um aborto porque eu tava ciente do que eu tava fazendo. Então eu não achava certo eu fazer uma coisa ciente e depois eu não... não querer e me desfazer de toda aquela situação que eu criei." (K mãe de T)

Fatores intrafamiliares também foram mencionados como causa de gravidez pelo fato de os jovens se mostrarem mais fechados com os pais a respeito de sexualidade tanto por acreditarem que os aqueles fazem muitas cobranças e impedem e sufocam a sua liberdade como pela rigidez dos pais. A rigidez mencionada se deve menos ao fato dos pais colocarem muitas proibições e mais por não observarem aspectos sutis das relações familiares como, por exemplo, conflitos relacionais, em especial no caso de famílias com recasamento.

"Assim, como o meu pai trabalhava e ficava o dia todo fora tudo, ele não tinha essa percepção. Por isso que eu falo os pais tem que ta atento, né. A mãe se mora com outra pessoa, o pai se mora com outra pessoa tem que ta atento a isso que a. como eu falei os adolescentes são muito impulsivos, né somos impulsivos quando tamos na adolescência. Então pra gente é tudo ou nada, sabe assim? Então o meu pai não teve essa percepção, né, de. ele sempre conversava comigo, através das coisas que ela falava pra ele ou de algum fato que ele percebia, sabe? Mas assim eu nunca tive a liberdade de chegar e dizer" Ó pai tá acontecendo isso" ... E aí foi onde eu saí de casa por causa de um namoradinho que eu arrumei, e aí não deu certo e eu fui um tempo com a minha mãe só que não deu certo também que ela tinha uma pessoa com quem eu não me dava muito bem..." (K mãe de T)

Para as mães entrevistadas a gravidez adolescente é uma gravidez precoce e pode ser traumatizante, principalmente se os jovens não tiverem o apoio familiar. Este suporte é muito valorizado por acreditarem que:

- Jovens não estão preparados para serem pais e não têm condições de criar sozinhos
- Jovem precisa de apoio e sozinho (a) não pode dar futuro ao bebê
- O bebê precisa de um lugar seguro
- O bebê morre de fome se depender só de seus jovens pais
- "Hoje em dia não é fácil criar filho"

Outro valor que permeia o apoio que dispensam é o de que criança é inocente nesta situação e *"... não tem culpa ela não entende".*

Do ponto de vista das mães entrevistadas, engravidar na adolescência não é um acidente, mas uma escolha que tem consequências marcantes e que até mesmo que estragar a vida deles no sentido em que perderão o seu status juvenil tendo que assumir responsabilidades parentais, não cumprindo as metas traçadas pelos pais de estudar, depois trabalhar, para aí então constituírem suas próprias famílias.

"É, os pais têm o objetivo de traçar uma meta pro futuro, né. Como foi traçado pra mim eu queria, eu tracei prá ela, só que aconteceu tudo diferente, né, então a gente se decepcionou." (K mãe de T)

"Ah! Eu acho... Sei lá. Eu acho que o sonho dele já ta acabado né, que a partir da hora que você tem o filho, tudo muda. Tudo muda na vida da pessoa." (S mãe de WR)

Para as mães também a contemporaneidade traz esse fenômeno e muitos outros como doenças e uso de drogas, acreditando que antigamente:

"... não existia droga e nada disso que está acontecendo." (S mãe de WR)

"... *as mulheres não engravidavam tão fácil como hoje."* (S, mãe de WR, referindo-se às mulheres solteiras)

Para a família M (do WR) a vinda do neto parece estar trazendo significados relacionados a impedimento para o seguimento da família em seu ciclo vital, uma vez que o casal parental S e o padrasto C se responsabilizaram, de fato e, integralmente pelo bebê. Já para a família B (da T) essa vivência parece corresponder ao que Cerveny e Berthould (2008) consideram a adoção de estratégias adaptação à filha procurando novos modelos relacionais com ela, como forma de lidar com as transformações pelas quais a família está passando.

Quanto aos **Significados da gravidez adolescente em termos de sentimentos e reações** emocionais, numa fase inicial, são descritas reações marcadamente negativas como as mães mencionara,

- Um susto, uma dor de cabeça e uma surpresa porque não sabia que o filho estava namorando a jovem.
- Um *baque*, um choque, uma decepção, revolta e raiva porque deu todas as condições de prevenção.
- Mexe com o emocional
- Abatimento

Em meio a essas emoções as mães também voltam sua atenção à criança, dando espaço a preocupações com esta e também com o bem estar, principalmente, em relação à jovem mãe.

"*Um baque, né. Coração disparou porque um cara de dezesseis anos não tem responsabilidade pra criar um filho. Né? Aí o pai jogou na rua e eu acabei acolhendo ela aqui. Aí ela ta morando aqui comigo."* (S mãe de WR)

"Ela engravidou com 13 anos pra 14 anos e foi um choque né!... Ah! Pra gente! Pra todo mundo... quando ela me falou a princípio veio a revolta e depois veio a decepção. Mas aí a gente tem que ir aceitando, né, fazer o que. Pelo fato de que já tá consumado..." (K mãe de T)

Questões de guarda da criança surgem pela necessidade de dar poder a quem de fato cuida do bebê ou por requisição do jovem pai depois desentendimentos, o

que gera preocupações, medo de perda e orientações quanto ao comportamento da jovem, no casa da família B.

*"Foi até bom você não ter ficado com o menino porque pra você ficar com a guarda do menino, você tem que fazer tudo certo, pra ela te dar o menino e não voltar mais pra buscar ele. Porque se ela te der só de boca, ela vai voltar pra pegar o menino". Entendeu? Aí fica muito difícil. "Muito difícil" (*S mãe de WR).

"*Ah! Eles fazem tudo escondido, né! Ainda mais que eu fico pegando no pé dela porque a gente tá numa briga jurídica com o na...com o pai ,né. Então o pai da criança e eu sempre falo que ela evite. Ela diz que não pensa que só tem amizade."* (K mãe de T)

"*É. Ele agora quer a guarda do menino. Tivemos um desentendimento familiar e ele quer a guarda do menino. Aí eu falei pra ele procurar os direitos dele, né, e ele foi, né. E a gente ta esperando a audiência e daí pra cá eu não deixei ele ver o menino mais".* (K mãe de T)

Por fim como já dissemos no item anterior a esperança de um futuro melhor aparece no discurso das entrevistadas em relação às suas famílias num processo de transformação das dificuldades em aprendizagem e superação, conforme o conceito de resiliência utilizado por Adalberto Barreto (2010).

Sobre os **Significados da gravidez adolescente em termos de efeitos** pelos resultados obtidos, pode-se afirmar que nas famílias entrevistadas enfrentam desafios de organização que podem ser vivenciados como tumulto ou uma reviravolta na sua estrutura pela necessidade de revisão de objetivos. Na família adolescente, com os jovens se tornam cada vez mais independentes e os pais poderiam sentir-se mais livres das tarefas de cuidados. Neste contexto a gravidez adolescente vem, como afirmamos anteriormente, trazer uma sensação de impedimento e retrocesso ou de mais desafio e aprendizagem.

No caso da família B, os desentendimentos entre as famílias do jovem casal para direcionar as soluções práticas de onde viverão a jovem mãe e seu filho, de quais os

limites e poderes de cuidados dispensados ao bebê poderão levar a conflitos judiciais pela guarda da criança e a tensão nas relações entre todos os envolvidos.

Nas famílias onde a criança é acolhida, em especial as avós e as jovens mães ficam e mais envolvidas no cuidado e abrem mão de atividades para si. Como são famílias formadas por recasamentos, os avós biológicos estão mais distantes e os padrastos podem se envolver muito assumindo o bebê quase como um filho, como no caso de C da família M (de WR).

"Ela não cuida. Ela não cuida. Ela não dá nada pra ele. Nada, nada, nada. Eu e meu marido que faz tudo por ele. É médico, é remédio, é roupa, é sapato, tudo é eu e meu marido." (mãe de WR)

O relacionamento conjugal também pode ser afetado pela gravidez de filhos adolescentes, pois se ambos ou um dos cônjuges assume total ou mesmo que parcialmente, podem ser adiadas as possibilidades de aumento de investimento no relacionamento a dois. O casal ainda pode ter dificuldades de acertar passo na reorganização familiar e até pela sobrecarga de tarefas, quando assumem integralmente a criança, como na família M, podem ter momentos tensos de discussões a respeito da situação.

"Isso causa, ó, causa muitas brigas, né. Discussões porque meu marido quer que meu filho trabalhe, mas meu filho não procura trabalho. E aí, é, gera muitas discussões entre eu e ele." (S mãe de WR)

Por se envolverem mais as mães apresentaram reações emocionais significativas com perturbações fisiológicas de sono e apetite.

Nos relatos das mães os jovens também são bastante afetados pela gravidez e manifestam alterações de humor, evidenciados por abatimento, negligência com as próprias coisas, ficar pouco em casa, procurar mais a rua e os amigos e afastamento dos estudos. Outro fator de evasão escolar pode ser a vergonha dos colegas e professores.

No caso do jovem WR e sua ex-namorada J, a condição em que necessitam assumir o papel parental traz questões relativas à identidade que se manifestam na confusão de identidade e sentimento de inutilidade, de acordo com Erikson (2008). A

vivência da perda de liberdade vem associada às tarefas cotidianas de cuidar de uma criança que exige tanta dedicação e responsabilidade e a solução pode vir na forma de problemas de relacionamento, fuga e negação em cooperar.

"Nossa, quando ela engravidou, os dois se davam muito bem. Depois, cabou minha filha. Depois, nunca mais deu certo os dois. Só brigas, e brigas, e brigas. Aí acabou separando porque não deu certo." (S mãe de WR).

Na categoria **Significados da gravidez adolescente em termos de estratégias de enfrentamento** os resultados mostram que, nas famílias das entrevistadas, acolhimento à jovem mãe e ao bebê se deu na forma de abrigo, cuidado e proteção e, nos dois casos por identificação com a situação vulnerável delas assim como com a gravidez na própria adolescência.

"Pode ser, porque do mesmo jeito que ela foi... que ela é mãe solteira, eu também já fui. E, às vezes, ela pode ter... Ela ta passando pela mesma coisa que o eu passei. A única coi... a única diferença é que a minha mãe, mesmo eu tendo engravidado sem ser casada, a minha mãe me acolheu." (S mãe de WR)

"Porque eu já convivi com os avós dela e com os tios no mesmo quintal e não deu certo, entendeu? Então assim pelo menos isso eu quis evitar pra ela, entendeu? Porque eu sabia que ela ia e depois ela is voltar. Não ia dar certo." (K mãe de T)

Pode ser observada a valorização quanto ao acompanhamento de consultas, exames e cuidados de pré-natal como pode ser observado nas falas das entrevistadas.

"Eu nunca tive a minha mãe pra falar vamos no posto. Nem na minha gravidez eu não tive acompanhamento, né. E ela teve todo esse suporte." (K mãe de T)

"Fez, todo o pré-natal... quando precisava, meu marido levava no hospital. Fez todo o pré-natal bonitinho, direitinho. Tomou as vitamina direitinho, tudo." (S mãe de WR, a respeito de J).

No caso das famílias entrevistadas, os pais estão envolvidos com os cuidados ao bebê, conforme já mencionado, total ou parcialmente e, de modo recursivo, afetam

as estratégias de enfrentamento dos filhos. Na família B em que os pais (mãe e padrasto) entram como suporte à jovem mãe, esta foi gradualmente assumindo o seu papel e depois retomou os estudos. No caso da família M, enquanto os pais se dedicam ao neto como se fosse mais um filho, os jovens pais encontram alívio fora de casa no trabalho e com amigos, para J e, com amigos e novas garotas, para WR.

"Então, agora ela tá estudando à noite pra recuperar o ano passado que ela perdeu. Ela não perdeu tanto ainda porque tem eu e o meu marido que damos suporte pra ela." (K mãe de T).

"*... porque a mulher não quer responsabilidade, o meu filho também não quer. Tendeu? E eu não tenho tempo nem mais pro meu marido. O meu tempo todinho é pro meu neto. Tendeu? A gente não tem tempo pra nada mais. Tendeu, é muito corrido pra gente."* (S mãe de WR)

Para as duas famílias a resolução de ficarem com as jovens mães e seus bebês reflete novas estratégias no encaminhamento de gestação fora do casamento. No caso de J sua permanência na casa de WR se deu para proteção da criança já que o casal não mantém relacionamento amoroso ou conjugal. No caso de T, sua mãe a impediu de constituir família por considerá-la imatura para isso.

"E aí eu pisei o pé que não, né. Assim contra vontade eu falei que não, que ela não ia sair daqui onde ela tem o quarto dela, tem o espaço dela, não tem toda a casa, mas tem o espaço dela, pra ir prum lugar onde ela não ia ter o espaço dela, com gente que ela não conhece." (K mãe de T)

Dar suporte psicológico e/ou apoio por meio de atitudes concretas foram mencionados pelas entrevistadas como estratégias importantes tanto para os seus filhos, como para os netos.

"Até que hoje ela gosta do bebê tudo né, porque é mãe, mas ela ainda não tem assim que ela... eu tou sempre auxiliando, precisa de alguma coisa eu to ali." (K mãe de T)

As estratégias de enfrentamento dos jovens conforme já mencionado acima está relacionada às estratégias dos seus pais e a vínculos de maior ou menor

proximidade com a criança. Na família B a criança dorme no quarto de sua jovem mãe e na família M com os avós.

As **Atitudes dos pais sobre questões relativas à sexualidade** foram as que mais surpreenderam porque, de acordo com os resultados pode-se verificar que as famílias demonstram abertura em conversar com seus filhos a respeito da prevenção de gravidez já na puberdade e a percepção de atividade sexual dos filhos parece ser bastante vívida e para essas famílias orientação sexual e atenção aos filhos são atitudes bastante valorizadas.

"Não... Ah. Eu acho que, se a gente conversar, explicar, as meninas mais novinha, eu acho que dá pra evitar certo tipo de coisa...É. Tipo, igual essa minha filha de nove anos...Eu converso com ela sobre isso. Converso." (S mãe de WR)

Especialmente as mães procuram fazer orientações verbais ou tomar atitudes mais diretas, principalmente quando as garotas iniciam a vida sexual. Procuram coversar explicitamente sobre o assunto e observar o comportamento dos filhos.

No caso da filha L de quinze anos a união com o jovem namorado e trabalhador também se constitui uma forma de encaminhamento para a iniciação sexual da filha que foi emancipada.

"Ah... mas eu aceitei numa boa. Porque pelo menos eu sei que ela ta com um rapaz responsável. Que gosta dela. Não... não vai ficar com uma hoje, uma amanhã e outra depois. Eu fiquei feliz, fiquei contente, o rapaz é muito gente fina. É um cara muito trabalhador, ele tem dezoito ano. Só que tem que é um hom... é um menino muito responsável. É bem trabalhador ele, bem sossegado." (S mãe de WR)

Na família M os rapazes são aconselhados pela a comprar ou pegar no posto de saúde o preservativo masculino de forma direta e sem meias palavras.

"Esse mesmo que é pai, esse W, eu falei tanto pra ele, falei: 'cuidado, você ta saindo por aí com essas menina, tem muito jeito de se prevenir. Usa preservativo, manda a mulher passar lá no médico pra pegar remédio. ' Nossa, eu alertei muito esses filho meu. Só que tem que não adianta, esses menino tudo da cabeça dura" (S mãe de W)

Interessante que as orientações para moças e rapazes são diferentes, para elas a utilização de anticoncepcional hormonal e para os eles o uso do preservativo masculino, Conforme os resultados os rapazes costumam ter mais parceiras sexuais e enquanto as garotas se envolvem em relacionamentos mais estáveis. Suponho que se para os pais essa diferença se relacione com a crença de maior ou menor possibilidade de transmissão de doenças sexualmente transmissíveis, ela também poderia conferir aos jovens maior controle da contracepção.

Para finalizar, pode-se considerar que na família B os significados que mais aparecem são relativos à aprendizagem em situações adversas e ao apoio psicológico, enquanto para a família M os são aqueles ligados a necessidade de assumir responsabilidades. Nos dois casos a identificação com a situação dos filhos, por já terem passado por situações semelhantes, parece conduzir a atitudes de acolhimento, proteção e apoio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As famílias têm desenvolvido formas de enfrentamento gravidez adolescente e vêm mudando e adaptando seus sistemas de significados para manterem a coesão e continuarem protegendo e cuidando de seus descendentes, sejam eles os próprios filhos adolescentes ou seus filhos destes.

A gravidez na adolescência é um acontecimento complexo e a sua prevenção depende de informação e acesso aos métodos preventivos, mas também a fatores relacionais intrafamiliares e ao contexto social contemporâneo de flexibilidade dos valores morais e, portanto, de modelos comportamentais. Aos jovens, na atualidade, é permito do experimentar e os pais se veem no desafio de acompanhar e colaborar, respeitando a individualidade de seus filhos.

Devido à complexidade do fenômeno, implantação de projetos, como o Vale Sonhar, nas escolas em parceria com unidades de estratégia saúde da família como ações intersetoriais tem valor inestimável pela reunião de esforços de diferentes segmentos sociais para um trabalho integrado, abrangente e de qualidade.

A inclusão de item “consequências da gravidez na adolescência” para os pais na primeira oficina do Projeto Vale Sonhar, conforme descrito no capítulo V (página) poderá ampliar, para ao jovens, o contexto de discussão sobre o tema por trazer, para a conversa, personagens que, embora não estejam presentes, são importantes na situação.

É preciso reconhecer que nas famílias da periferia e de baixa renda pode haver abertura para se conversar sobre sexualidade e métodos preventivos de maneira bastante explícita e que profissionais da saúde e educadores são coadjuvantes na orientação sexual dos adolescentes e precisam mais criar vínculos com os jovens e portas de entrada aos programas de atenção e prevenção.

.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. M. R. (2003) – "Adolescência e maternidade" Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, pp 241-256.

BARRETO, A. de P. (2010) – "Terapia Comunitária – Passo a Passo". 4ª Ed., Gráfica LCR, CE – pp 101-115.

CARTER, B e MCGOLDRICK, M. (1995) – "As mudanças no ciclo de vida da família: uma estrutura para a terapia familiar". Tradução de Veronese, M.A.V. 2ª edição. Porto Alegre. Artemed, pp 223-244 e pp 479-488.

CERVENY, C.M. de O. (1996) – "Gravidez na adolescência: uma perspectiva familiar". *Coletâneas da ANPEPP: Família e Comunidade*, *1* (2), 35-50.

CERVENY, C.M. de O; BERTHOUD, C.M.E. e col. (2006) – "Visitando a Família ao longo do Ciclo Vital" . São Paulo, Casa do Psicólogo

CHIZZOTTI, A, (2008) – "Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais". 2 ed. RJ, Editora Vozes.

DESSER, N A, (1993) – "Adolescência: sexualidade e culpa". RJ, Rosa dos Tempos e DF, Fundação Universidade de Brasília.

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente,

ERIKSON E. H. (1976) - "Identidade, juventude e crise". Rio de Janeiro: Zahar editores.

ERIKSON, E. H. (1987)**– "**Infância e Sociedade". 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores.

FOUCAULT, M. – (2011) – "História da Sexualidade 1: A Vontade de Saber"; trads. Maria Thereza da Costa Albuquerque, J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 176p.

GARCIA, M.R.V.G (2004) - "Virgindade e Iniciação Sexual entre as Adolescentes Brasileiras". São Paulo. Arte e Ciências, pp 113-125 ; pp 159-201.

HORTA, A.L.M. e **FEIJÓ, M.R.** (2007) – "Sexualidade na família". São Paulo. Expressão e Arte, pp 11-29 e pp 125-134.

INSTITUTO KAPLAN (2010) - Manual do Professor. "Projeto Vale Sonhar".

LOPES de OLIVEIRA, M.C.S. (2006) **– "**Identidade, Narrativa e Desenvolvimento na adolescência: Uma revisão crítica". In *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 2, pp. 427-436, mai./ago. 2006.

LYRA, J. (1998), - "Participação Masculina na Gravidez Adolescente"**,** In Vieira, E. M.1998 et al, **"**Seminário Gravidez na Adolescência"**,** Associação Saúde da Família, São Paulo – SP, pp.119-124.

MONTEIRO, S. (2006) – "Gênero, sexualidade e juventude numa favela carioca", In Heilborn, M.L.et AL, 2006, "O aprendizado da sexualidade : reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros" orgs, trads. Peter Lenny, Brian Hazlehurst Rio de Janeiro : Garamond, pp. 117-145.

PEREIRA, J.L. et al. (2007) – "Sexualidade na adolescência no novo milênio". Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pro-Reitoria de Extensâo.

PORTAL DA PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO (2011) **-"**Diagnóstico Sintético da Cidade de São Paulo 2011- Análise De Tendências da Secretaria Municipal de Saúde de 2004 a 2009". Sites do Município- Saúde/ Diagnóstico Municipal e Regional da Saúde - www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/publicacoes

VICENTE, R.P.da S. (2005) – "Família e mudança" – IN Ceverny, C.M.de O.org. "Família e ...". SP. Casa do Psicólogo.

WATZLAWICK, P., BEAVIM, j., JACCKSON, D. (1973) – "Pragmática da Comunicação Humana". São Paulo. Cultrix.

WHITE, M, - "O ausente mas implícito" – texto traduzido.

YUNES, M. A. M.(2001) – "A questão triplamente controvertida da resiliência em famílias de baixa renda". São Paulo, s.n, Tese de Doutorado, PUC-SP.

ANEXOS

Entrevistas

Família M (do jovem WR)

Pesquisadora: Nós podemos conversar sobre todos os aspectos que você quiser, né. Inclusive, essa pergunta que você me fazia a respeito da sua... da mãe do seu neto né. Então, eu queria saber de você o que significou pra você e pro seu marido também, se você puder falar, já que ele não pôde tá aqui hoje, o que significou pra vocês essa...a gravidez, né, o fato do W, né... é.. ter engravidado, como é o nome da moça?

S - J

P - J? (cofirmando o nome por não ter entendido)

S - J

P - J. Ter engravidado a moça, e o que significou pra vocês?

S - Ah! Foi um susto muito grande, né. Porque a gente não tava esperando. Ele foi pai com 16 anos.

P - Com 16 anos.

S - E ela tinha 20 anos.

P - E ela tinha 20

S - Há hã...

P - E o que que significou isso pra vocês?

S - Dor de cabeça, né, porque os dois são respon.... inrresponsável.

P - Hum! Você acha que os dois foram irresponsáveis?

S - Eu acho. Mas eu acho que mais da parte dela. Era por ela ser uma pessoa mais velha, era pra ela ter mais cuidados, Ela tem vin... Ela tinha vinte anos quando... (interrompida)

P - Eles estavam namorando?

S -Tava.

P - Hum, e você sabia? E a família sabia desse namoro? Fazia tempo que eles namoravam?

S - Era escondido, minha filha!

P - Como assim?

S - Escondido. Namorava lá na casa do pai, lá embaixo. Quando eu vim saber, a menina já tava grávida.

P - Na casa do pai...?

S - Lá embaixo. Na rua debaixo.

P - Mas do pai de quem?

S - Do pai da menina.

P - Do pai da menina.

S - É.

P - Mas ele, ele... ia pra lá e voltava pra casa ou ele ficava por lá, passarrompida)

S - Não, ele ia lá namorar e voltava pra casa.

P - Tá. E ele nunca tinha falado pra você?

S - Não. Só no dia que ela tava grávida que ele me falou.

P - Hum... Como foi? O que é que você sentiu na hora que ele... (interrompida)

S - Ah! Um baque, né. Coração disparou,,,porque um cara de 16 anos não tem responsabilidade pra criar um filho. Né? Aí o pai jogou na rua e eu acabei acolhendo ela aqui. Aí ela ta morando aqui comigo.

P - O pai dela não quis (interrompida).

S - Não quer.

P - é... ficar com ela?

S - Não aceitou a gravidez.

P - Ela mora com que? Morava com quem? Com o pai e a mãe?

S - Com o pai e a mãe.

T - E os dois não quiseram mais ela?

S - Não! Aí abandonou ela aí, é, trouxe ela pra cá.

P - Você, como foi essa vinda dela pra cá? Você que quis receber?

S - Não porque, assim, ela não dá certo com o pai dela. Aí o pai dela queria jogar ela na rua com o meu neto e eu acabei trazendo ela de volta pra cá.

P - Por que “de volta”?

S - Porque ela tinha saído...Foi morar com o pai, depois o pai não quis mais e colocou na rua e eu trouxe pra cá.

P - Durante a gravidez, ela ficou aqui?

S - Não, dep... É. A gravidez toda, ganhou o neném aqui. Depois que ela ganhou o neném, ela desceu lá pra baixo.

P - Foi lá com os pais.

S - Aí depois o pai não quis mais. Colocou na rua, aí eu trouxe de volta.

P - Tá, e você sabe porque ele não quis?

S - Não sei.

P - Não. Tá. E... e quando ela ficou aqui, que providências vocês tomaram quando ela veio pra cá? Ela... ela fez exames? Vocês levaram...(interrompida)

S - Fez, todo o pré-natal... Quando precisava, meu marido levava no hospital. Fez todo o pré-natal bonitinho, direitinho(terapeuta: tá). Tomou as vitamina direitinho, tudo.

P - Que apoio vocês deram pra ela?

S - Ah! Eu acho que apoio maior ela nunca mais vai ter. Porque eu acolhi ela. Tô criando meu neto, eu faço tudo por ele. Ela não faz nada por ele.

P - Como assim?

S - Ela não cuida. Ela não cuida. Ela não dá nada pra ele. Nada, nada, nada. Eu e meu marido que faz tudo por ele. É médico, é remédio, é roupa, é sapato, tudo é eu e meu marido.

P - Em que momento isso começou a acontecer? Foi logo que ele nasceu? (interrompida)

S - Logo que ele nasceu. Quando ele nasceu ela já, ela já não queria ele. Ela já falou que não queria ele.

P - O bebê?

S - É. Que ele estragou a vida dela, que ele acabou ca vida dela. E acabou praticamente abandonando, né. Abandonou. Não quer mais saber dele, aí a gente ta

aí cuidando, eu e meu marido. Cuidando porque não dá pra abandonar, né. Não dá pra simplesmente pegar o menino e colocar no meio da rua. Não dá. Tem que fazer alguma coisa por ele, porque....

P - E, e você tem... vocês, você e seu marido têm feito alguma coisa em relação a isso? Tentando interferir nessa dificuldade, nessa coisa dela não querer cuidar do bebê? Você tem feito alguma coisa pra que isso mude, ou não?

S - É. Eu e meu marido, a gente conversa com ela, mas ela é muito cabeça dura. Ela não...fala que não quer saber do menino e não quer saber.

P - Mas ela não, não conversa com a criança? Como é que é quando ela chega em casa?

S - Não. Quando ela chega, ela pega ele, grita “Neném da mamãe!”, aí dá um beijinho no menino, põe o menino no chão e vai pra rua andar.

P - Tá. Ela, ela fala que tá trabalhando?

S - Ela trabalha.

P - Ela trabalha. E como é que é aqui na casa? Ela participa de alguma coisa? Das despesas, das despesas com a criança?

S - Não. A única coisa que, às vezes, ela dá é fralda. Um pacote de fralda. Mais nada(terapeuta. Leite, Mucilon... Tudo é eu e meu marido que compra... Ela só dá uma fralda.

P - E... E o seu filho?

S - Meu filho tá desempregado. Tá fazendo nada, não dá nada. Dá nada. Só eu e meu marido mesmo.

P - E como é que é o relacionamento dele com o filho?

S - Ele gosta do menino. Ele gosta. Só não tá trabalhando e agora não tá dando nada. Mas, a parte dele eu tô fazendo...Ele se dá bem com o menino.

P - E com ela, ele se dá bem?

S - Não. Os dois não combina. Os dois não dá certo. Os dois não dá certo mesmo. Que ela falou umas coisas muito agressiva assim pra ele, sabe?

P - Pra ele? Ele é agressivo?

S - É. Aí ele... Também. Ele é muito agressivo. Também... Ela é muito agressiva e você conversa, ela fica fazendo deboche, tudo isso. É muito debochada.

P - É... Que é que você tinha...que expectativas vocês tinham do W, pro W, é, em relação ao futuro dele e, é... como é que era antes disso tudo acontecer? Ele estudava?

S - Estudava. Só que tem que, duma hora pra outra ele abandonou a escola também. Largou a escola, não quis estudar mais.

P - Mas foi depois da gravidez dela ou não?

S - Não, antes. Antes, ele largou a escola. Nossa, quando ela engravidou, os dois se davam muito bem. Depois, cabou minha filha. Depois, nunca mais deu certo os dois. Só brigas, e brigas, e brigas.Aí acabou separando porque não deu certo.

P - Tá. E você, é, ...(criança chorando interrompe). E o que é que você tinha, que expectativa você tinha pra ele? O que você queria pro seu filho?

S - Eu queria, eu queria que o meu filho não tivesse arrumado filho agora.

P – Por que?

S - Porque ele é muito novo. Não tem responsabilidade. Eu queria que ele trabalhasse primeiro, é... tivesse uma casa pra dar um conforto melhor pro filho dele... arrumar uma boa esposa, pra cuidar do filho dele. Isso que eu queria pra vida do meu filho.

P - Ta. E.. e isso veio... De que forma isso que aconteceu interferiu nesse seu sonho pra ele?

S - Ah! Eu acho... Sei lá. Eu acho que o sonho dele já ta acabado né, que a partir da hora que você tem o filho, tudo muda. Tudo muda na vida da pessoa.

P - E o que que mudou na vida do teu filho? O que você acha?

S - Acho que mudou tudo, né

P - Mudou em que sentido?

S - Ah!ele não... ele ficou desanimado com as coisas. Já não faz mais nada, já não faz nada mais. Nem faz esforço pra procurar trabalho, não faz mais nada. Quando ela ta dentro de casa, ele não fica dentro de casa, ele sai, ele não fica perto dela. Porque ela vê ele, ela começa já a brigar, já começa a ficar falando um monte pra ele. Ele larga a casa e vai pra rua.

P - E... e o que tem feito com que vocês mantenham ela aqui com vocês?

S - O meu neto. O meu neto, porque ela não tem condições de criar ele sozinha. Ela não tem uma casa, ela não tem um...ela não ganha um salário que dá pra pagar um

aluguel que dá pra morar com ele. Não tem uma casa pra eles morar, entendeu? E ela não tem responsabilidade suficiente pra criar ele. Ela não tem.

P – O que é essa responsabilidade?

S - Responsabilidade é coloca o... é levar ele pra creche, por exemplo. Ele ta na creche, meu marido que leva. Meu marido leva ele de carro. Entendeu? Responsabilidade é cuidar dele direito. Alimentar ele, porque se depender dela, ele morre de fome. Entendeu? Ela não tem coragem de colocar uma comida no prato pra dar pra ele. Eu trabalho das dez às sete da noite, quando eu chego, sete e meia da noite, sete e quarenta, que eu vou dar comida pra ele. Ele chega da creche ...(interrompida)

P - Ela já ta aqui?

S - E ela já está aqui. Entendeu? Porque se não for eu e meu marido, ele morre de fome. Ela não dá um banho, ela não troca uma fralda. Ela não faz nada. Ela não cuida dele. Entendeu, tudo o que eu faz, é pra cuidar dele, entendeu? Porque assim, meus filhos já ta criado, já ta tudo moça e rapaz, eu tenho filho casado, filha casada. Então assim, a gente faz de tudo pra poder cuidar dele direito. Porque senão, qual que vai ser o futuro desse menino? Se a gente não cuidar?

P - Ta. E o que que você tem pensado pro futuro do seu filho agora que ele é pai, nessa situação aí que você falou, né...que ele ta desanimado? O que você espera pra ele?

S - Eu espero que ele mude a cabeça, procure um taba...um trabalho, ajude o filho dele. É isso que eu penso, volte a estudar, que é um menino muito novo, abandonou a escola.

P - Ele parou em que série?

S - Ele parou na oitava. Ta com dezoito ano agora (criança começar a chorar e S manda alguém levá-la pra mamar) Entendeu? Ela fica de folga, não tem coragem de levar o menino pra sair, pra lugar nenhum ela leva ele. Lugar nenhum. Ela chega, se troca, dá meio volta e vai pra rua. Só chega a noite. Então, é difícil. Porque eu quero um, quero que o meu neto tenha um futuro.

P - Cê acha que pra ela também é difícil ta morando aqui, com vocês?

S - Pode ser. Pode ser, porque ela é muito desaforada, eu...é, ela discute até comigo, às vezes. Ela é muito difícil de lidar.

P - O que tem trazido pra você toda essa situação? Que efeito teve na sua vida?

S - Dor de cabeça. Dor de cabeça, angústia. Até às vezes começo de depressão porque é uma tristeza muito grande ver tudo que ta acontecendo com esse menino. Fico muito magoada, muito triste com isso, de ver ele tão jogado. Cheguei até a falar que ia chamar o Conselho Tutelar pra entregar ele pro Conselho Tutelar porque ela não cuida. Ela não cuida. Eu trabalho, meu marido trabalha e se ele não ficar na creche, não tem ninguém pra cuidar dele. Porque o meu salário não permite que eu pague alguém pra cuidar dele.

P - E o seu filho não fica com ele durante o dia?

S - Fica andando por aí. Andando o dia todo pra rua afora.

P - Ele também não tem ajudado?

S - Não. Ajuda não, minha filha. [manda alguém novamente levar a criança pra mamar e dormir]

P - Ele dorme nesse horário?

S - Dorme. É porque os menino não tem pa, não tem... (interrompida)

P - Eu acho que ele deve ta curioso por eu ta aqui, não?

S - É. Pode ver que ele pega as coisas, né.

P - É, eu to vendo que ele ta olhando pras coisas(interrompida)

S - É, ele pega, não tem(interrompida)

P - Será que ainda ta gravando? Acho que ta né... E, Sebastiana, é, quem ajudou vocês? Você e seu marido, vocês tiveram apoio de alguém? De alguma Ordem?

S - Não.

P - E vo... entre vocês, o casal? Como foi que vocês, o que que... como é que vocês se rela... é, se relacionaram e se relacionam nessa situação, o que isso causa pro casamento de vocês?

S - Isso causa, ó, causa muitas brigas, né. Discussões porque meu marido quer que meu filho trabalha, mas meu filho não procura trabalho. E aí, é, gera muitas discussões entre eu e ele.

P - Por quê?

S - Porque, é... (interrompida)

P - Do que vocês discutem?

S - Discute porque a mulher não quer responsabilidade, o meu filho também não quer. Tendeu? E eu não tenho tempo nem mais pro meu marido. O meu tempo todinho é pro meu neto. Tendeu? A gente não tem tempo pra nada mais. Tendeu, é muito corrido pra gente. Final de semana, ele fica doente, tem que levar pro hospital, tem que limpar casa, tem que fazer tudo. Eu trabalho de segunda a sexta, meu marido trabalha de terça à domingo e é muito cansativo. A noite o William não dorme, acorda a noite todinha, tem que fazer mamadeira.

P - E quem que faz a mamadeira?

S - Eu. Ou meu marido. Ele dorme comigo.

P - Ou você ou seu marido.

S - É. Ele dorme comigo. Ele dormiu com ela só quando ele nasceu, só quando ele era mais novinho.

P - Ela amamentou ele?

S - Amamen... Ela tirou o, tirou o peito dele. Não amamentou praticamente nada. Deixava ele chorar a noite todinha com fome. Aí ela começou a falar que o peito tava doendo, que não ia dar, não ia dar, não ia dar e ele acabou tendo que tomar mamadeira porque senão morria de fome. A gente acabou dando mamadeira pra ele, porque não dá pra deixar o bichinho com fome.(cabisbaixa)

P - É difícil pra você falar disso?

S - Não.

P - Porque assim, não sei se eu to tocando em coisas difíceis.

S - Não. Não. Pode perguntar.

P - Ta. É... mas a qualquer momento que você quiser, se você quiser dar uma pausa, pode dar, ta?

S - Hã hã.

P - E... você vê alguma, né, algum aspecto positivo, é, nessa gravidez, nessa vinda desse neto?

S - Sei lá... Nem sei o que pensar, sabe? Que a gente vê as coisas tão diferente do que a gente queria que fosse. Eu queria que meu filho cuidasse mais do filho dele, que a mãe dele também cuidasse mais do filho dele. Mas, não adianta. Não adianta. É difícil.

P - Que você acha que precisava acontecer pra que eles cuidassem?

S - Sei lá. Meu filho arrumar um trabalho, né,,,pra poder ajudar o filho dele e ela arrumar um outro lugar pra ela

P - Pra ela morar

S - É.

P - Você acha que ela deixaria o filho dela aqui?

S - Não sei. Mas a mãe dela quer que eu e... quer que eu entre na Justiça pra pegar a guarda. Porque ela espancava muito esse menino.

P - Quem?

S - A mãe dele. É. Quando tava lá embaixo, ela batia muito nele. Aí o pai jogou pa rua por causa que ela tava batendo demais nele e ele[não tava agüentando ver ela batendo tanto nele[o. Aí ele pegou e deixou, abandonou ela, largou de mão. Essa não é a primeira vez que ela mora na minha casa, já é a segunda vez. E ela, e eu mais ela, a gente nunca deu certo, porque ela tem uma natureza muito difícil. Ela é do tipo que você aconselha, que você dá bom conselho e ela faz deboche. Ela não leva nada a sério. Entendeu? Ontem ela quebrou a janela da minha cozinha brigando com meu filho, discussões. Foi trabalhar e voltou e ficou aqui brigando dentro de casa, aí esmurrou minha janela, amassou tudo. É difícil.

P - E é sempre assim?

S - A mãe dela... Não, não é sempre assim não, não sei que que foi que aconteceu ontem. Só sei que meu filho tava aqui, ela saiu quatro e pouco pra trabalhar e voltou pra casa, não sei por que. Aí chegou aqui, começou as discussões. Eu liguei pro meu marido, pra falar pra ele, ele falou “Sebastiana, daqui a pouco to indo embora, aí chegando em casa eu resolvo”. Cheguei, ela não tava aqui, tinha saído. Aí chegou a noite, a gente discutiu e ela é desaforada e eu pedi pra ela, pra ela arrumar um outro lugar pra ela porque pra mim não ta dando. Não ta. Que to vendo, a gente vê muita injustiça. Ela faz muita injustiça com esse menino e eu não agüento. Então pedi pra ela: “Se você não quer esse menino, você me dá ele, deixa que eu crio, eu faço o que eu puder por ele e você arrume um lugar pra você porque não dá”.

P - E o que é que ela disse quando você falou isso?

S - Ela fala que “eu não quero ele mesmo”. Ela me responde assim, “eu não quero ele mesmo”.

P - E... e você tem vontade de pedir a guarda dele?

S - Eu tenho. Se eu tivesse uma ajuda, eu queria muito a guarda dele.

P - Que tipo de ajuda?

S - Assim, tipo uma pessoa pra me ajudar, entendeu? Eu queria muito pegar a guarda dele. Porque se esse menino for morar com ela, eu não sei o que pode acontecer. Não sei. O pai dela e a mãe dela chegou até a me falar que se eu entrar na Justiça pra pegar a guarda, que eles vai, é, depor ao meu favor, pra pegar a guarda, porque.... a mãe dela ta doente, a mulher doente, sabe, trabalha, não ta bem de saúde. Ela falou que não, só não vai pegar a guarda do menino porque ela não ta bem de saúde. Mas se eu quiser entrar na Justiça, tanto ela quanto o marido dela vai me ajudar pra eu ficar com a guarda do menino. Porque ela não tem condições de criar o menino, ela não tem.

P - Que tipo de ajuda você gostaria de ter?

S - Sei lá, um...um advogado, sei lá, alguém pra me instruir, pra ver o que que eu faço. Pra ver que decisão eu tomo, pra ver se eu consigo fazer alguma coisa. E antes que as coisas fica mais complicada do que já ta.

P - Qual é a sua indecisão?

S - Âh?

P - Qual é a sua indecisão?

S - Minha indecisão é ela... é, ela sair, tipo, uma vez mesmo ela sai... ela largou o menino aqui, abandonou. Falou que não queria mais ele. Aí jogou, jogou ele aí, jogou as bolsa dele no meio da cozinha e foi embora. Aliás, ela tava morando lá embaixo, aí trouxe as bolsa, jogou aqui e falou que não queria o menino mais. Que era pra mim ficar com ele. Aí depois, ela voltou e pegou o menino de volta. Aí eu cheguei no advogado e per... e como eu não tenho condições de pagar um advogado, fica difícil. Eu pergun... conversei com o advogado e ele disse: “É... Foi até bom você não ter ficado com o menino porque pra você ficar com a guarda do menino, você tem que fazer tudo certo, pra ela te dar o menino e não voltar mais pra buscar ele. Porque se ela te der só de boca, ela vai voltar pra pegar o menino”. Entendeu? Aí fica muito difícil. Muito difícil.

P - Cê já foi se instruir no Conselho Tutelar?

S - Ainda não porque eu tenho medo do Conselho Tutelar pegar ele.

P - Tem?

S - Eu tenho. Nossa, morro de medo. Nossa, coisa que eu não quero ver é meu neto no Conselho Tutelar, Deus me livre. Não...

P: - Cê... ‘cê sabe de algum caso em que isso aconteceu?

S - Não.

P - Em que eles pegaram a criança da família?

S - Não.

P - Não.

S - Da minha família, não. Graças a Deus, não.

P - Não, de alguém? Alguma criança?

S - Não. Não.

P - É, é... Eu não sei como é que é que seria, né, posso ta vendo, se você quiser. Mas o ideal seria que fosse de comum acordo, que ela concordasse também.

S - Porque eu queria pegar a guarda do menino porque eu tenho condições de criá-lo. Eu tenho minha casa própria, tenho meu trabalho fixo, meu marido tem trabalho fixo. E ela, ganha um salário mínimo. Como que ela vai pagar o aluguel e cuidar de uma criança de um ano e três mês, se o aluguel é caro? O aluguel é muito caro. Com um salário mínimo, ela não faz nada, se não tem uma casa pra poder morar, entendeu? E ela não tem futuro nenhum, ela não pode dar futuro nenhum pra ele. Não pode.

P - E, e o que faz com que ela não possa dar futuro?

S - Ela não pode porque ela não... ela só ta trabalhando porque eu falei pra ela que se ela não trabalhar, ela não vai ficar aqui. Só por isso que ela ta trabalhando. Mas se dependesse dela, ela já tinha saído do trabalho. Ela fala pra mim todo dia que vai pedir a conta. Eu falei "'cê vai pedir a conta, mas dentro da minha casa, 'cê não vai ficar". Não vai ficar. Roupa do menino, ela não lava. Não passa roupa do menino. Faz nada.

P: - E as coisas dela, ela cuida?

S - Às vezes, ela deixa roupa lá na laje, eu pego e lavo pra não ficar podre dentro da água com cândida. Às vezes, eu lavo. Mas às vezes eu acho desaforo. Uma pessoa que não tem coragem, que mora dentro da casa ... dentro da casa, não tem coragem de lavar um copo, varrer uma casa, lavar um banheiro. É muito difícil, muito difícil eu ter que trabalhar até a noite, chegar, limpar a casa, cuidar de menino, fazer comida, fazer marmita pro marido. Não é... não é fácil. É muito difícil.

P - S, é,,,quem que mora na casa aqui? É, é você, seu, como é, como chama seu esposo?

S - C

P - C... Que idade ele tem?

S - 38 anos.

P - 38. Você tem?

S - 38.

P - Ele trabalha no que?

S - Ele trabalha no ASBAC.

P - Ah, aqui pertinho.

S - É.

P - Ah! por isso que ele trabalha final de semana.

S - Isso.

P - Porque o clube funciona mais...

S - Hã hã.

P - Você trabalha onde?

S: - Auxi... Eu trabalho no Nakamura, Na Creche do Nakamura.

P - (surpresa) 'Cê trabalha em creche?

S - É.

P - E ele ta lá com você ou não?

S - Não, ele ta aqui no São Joaquim. No CEI São Joaquim.

P - Você é contratada ou você é funcionária...(interrompida)

S - Eu sou, é, firma terceirizada.

P - Ah! Firma terceirizada.

S - É.

P - Ta. E aí você tem quantos filhos?

S - Eu tenho cinco.

P - Quem são eles?

S - É a B

P - Que é a mais velha?

S - É a minha caçula.

P - B.. Quantos anos tem a B?

S - Nove.... Dez. Vai fazer dez agora dia 16 de maio.

P - Ta. Tem nove. (risos).

S - O S

P - S. Quantos anos tem o S?

S - O S tem treze.

P - Quem mais?

S - O W.

P - Mas a B vai fazer dez anos?

S - É.

P - Nossa, ela tem jeito de moça!

S - É.

P - Ta desenvolvida. Quem mais?

S - O W, que é o pai do bebê.

P - O W. Ta.

S - O F.

P - Que idade tem o F?

S - O F tem vinte.

P - Ele mora aqui?

S - Ele é casado, mora lá no... no Cai-Cai.

P - Ta. E quem mais?

S - E a L.

P - E a L mora onde?

S - L mora no Parque do Japão.

P - Ela é casada também?

S - Isso.

P - Tem quantos anos?

S - Quinze. Quinze anos.

P - Quinze e já casou?

S - Já.

P - Casou grávida ou não?

S - Não, não.

P - Não. Desculpe perguntar, ta?

S - Não... não.

P - É..então moram... e mais, mora também a...?

S - J, que é a minha ex-nora.

P - A J. E tem que idade? Vinte?

S - Vinte e um.

P - Vinte e um anos. E a...(interrompida)

S - E o G.

P - Quem é o G?

S: Meu neto.

P - O filho dela, né. O G ta com quantos anos?

S - Um ano e três mês.

P - É... Então, é... Aqui quem trabalha então é você...?

S - O meu marido.

P - E o seu marido e a J.

S - Isso.

P - Ela faz o quê?

S - Ela trabalha no Carrefour. Ela trabalha na cozinha.

P - Carrefour. É, deixa eu te falar... É, é... os, os... Quem ta estudando aqui?

S - A B.

P - A tá em que série?

S - Quarto ano.

P - Quarto ano. E o S?

S - O S ta na... no sétimo ano.

P - Sétimo ano. O W não ta estudando?

S - Não.

P - Cê já tem outros netos? Não.

S - Que eu conheça, não. (risos)

P - Ta.

S - Diz que o F tem um filho.

P - É?

S - Diz não, ele tem um filho, mas eu nunca vi.

P - Ta, e ele não registrou?

S - Mas a mulher veio aqui grávida. Ele queria, ele queria registrar. Ele foi levar umas coisa pra ela que eu mandei, mas aí ela arrumou um cara da pesada lá, aí o cara queria arrancar o pescoço do meu filho aí ele não voltou mais não.

P - Ta. O cara assumiu a paternidade do filho?

S - (concorda aceno de cabeça)

P - Ta.

S - Aí ameaçou ele, ele não voltou mais não.

P - Ficou com ciúmes, será? Que que será que aconteceu?

S - Não, ele mora... o cara ta morando com ela mesmo.

P - Ta, mora com a... a moça.

S - Isso.

P - É, deixa eu te falar... Então ‘cê não conheceu esse neto?

S - Não.

P - Quanto tempo... que idade ele tem?

S - Ele nasceu em setembro. Não conheci não, nunca vi.

P - Ta. Você gostaria de conhecer?

S - Gostaria. Nunca vi.

P - E, Sebastiana, você consegue ter alguma esperança pra... pra sua família? Quais esperanças, nesse contexto, você tem?

S - É, eu tenho a esperança que... que um dia, tudo vai melhorar, né. Que eu vou ver meus filho tendo futuro, cada um tendo um futuro melhor que o outro. 'Tendeu? Meu sonho é ver minha família todo estruturada, cada um no seu cantinho, cada um cuidado da sua vida e deixa eu e meu "véio" viver em paz. Né? Ter um pouco de paz e sossego, porque...

P - Você... Você fez orientação pros seus filhos em relação à gravidez?

S - (concorda) Esse mesmo que é pai, esse Wesley, eu falei tanto pra ele, falei: "cuidado, você ta saindo por aí com essas menina, tem muito jeito de se prevenir. Usa preservativo, manda a mulher passar lá no médico pra pegar remédio". Nossa, eu alertei muito esses filho meu. Só que tem que não adianta, esses menino tudo da cabeça dura...

P - A menina ta casada mas não engravidou...

S - Não, não tem filho não.

P - E você fez alguma orientação pra ela também?

S - Ela toma anticoncepcional, direitinho.

P - E como ela começou a tomar? Você ajudou, você foi com ela?

S - Não, ela foi com uma... com uma tia dela, porque eu tava trabalhando.

P - Ta, mas 'cê sabia?

S - Sabia.

P - Ela contou pra você quando ela começou a...(interrompida)

S - (concorda) É... é porque ela...(interrompida)

P - Ela, ela... se casou antes e depois teve relação ou o...(interrompida)?

S - Não, ela... esse rapaz foi o primeiro homem dela.

P - Ta.

S - Tendeu? Mas, antes ela já estava tomando anticoncepcional. Já se... já tava se prevenindo. Mas não ta grávida não, graças a Deus. Falei pra ela, ela também largou a escola, não quer estudar mais. Falei pra ela “Olha, minha filha, não arrume filho agora porque criar filho não é fácil”. E ela é muito nova. Muito nova. Eu quero que ela estude, quero que ela volte a trabalhar. Quero que ela volte pra escola, quero que ela vai trabalhar, pra ter um futuro melhor. Porque. (interrompida)

P - Quando que ela parou de estudar?

S - Porque pensar em filho... Há, tem uns três mês ela que parou de estudar.

P - Porque casou.

S - É, não sei se foi porque casou, porque não que estudar mesmo.

P - Quando que ela casou?

S - Ela tem uns três meses que ela foi morar com esse rapaz.

S - Mas já tem um ano, quase um ano de namoro já.

P - Ta.

S - Aí resolveu ir morar com ele.

P - E você, como foi pra você quando ela te falou que ia morar com ele?

S - Ah... mas eu aceitei numa boa. Porque pelo menos eu sei que ela ta com um rapaz responsável. Que gosta dela. Não... não vai ficar com uma hoje, uma amanhã e outra depois. Eu fiquei feliz, fiquei contente, o rapaz é muito gente fina. É um cara muito trabalhador, ele tem dezoito ano. Só que tem que é um hom... é um menino muito responsável. É bem trabalhador ele, bem sossegado. Sempre sempre ele vem pra cá, não sei como ele não apareceu ainda aqui com ela hoje.

P - Ta, eles vêm aqui?

S - É. Amanhã eles vai vim almoçar comigo que é Dia das Mães.

P - Ai, parabéns pra você. (risos)

S: - Brigada.

P - Então essa é sua esperança?

S - É, é minha esperança. Eu acho que é a esperança de toda mãe, né? Vê sua família toda estruturada, cada um cuidando da sua vida, cada um trabalhando, cada

um andando no caminho certo. Né? Esse que é o sonho de toda mãe. Minha felicidade é ver minha família bem.

P - Não sei quanto tempo a gente ta conversando aqui... Tem alguma coisa que eu não perguntei que ‘cê acha importante, é... numa pesquisa sobre gravidez na adolescência que as pessoas precisem saber? Que você possa contribuir?

S - Não... Ah. Eu acho que, se a gente conversar, explicar, as meninas mais novinha, eu acho que dá pra evitar certo tipo de coisa.

P - Com as meninas mais novinhas?

S - É. Tipo, igual essa minha filha de nove anos.

P- -Cê já tem conversado?

S - Eu converso com ela sobre isso. Converso.

P - Cê acha que a responsabilidade maior é da menina?

S - Eu acho que é dos dois.

P - Cê acha que é dos dois.

S - Eu acho. Eu acho, porque, às vezes, as pessoa joga muito as mulher.

P: Como assim?

S - Fala que a mulher é culpada de tudo, mas não. Eu acho que sempre a culpa é dos dois. Dos dois. Se o homem se previne, a mulher também tem que se prevenir. Se a mulher se previne, o cara também tem que se prevenir. Eu, como tive muito filho, então eu tento alertar os meus filho o máximo que eu posso. Igual a minha mãe, tem onze filho, mas, naquela época, antigamente, não tinha ninguém pra poder, né? Explicar, não tinha, é... muito jeito de se prevenir. Agora, hoje não. Hoje tem muito modo da mulher se prevenir pra não ter filho.

P - Você se previne hoje?

S - Eu não, eu sou operada.

P - (surpresa) Mas você fez a operação.

S - É.

P - Então ‘cê fez, né.

S - Eu tenho oito ano que eu me laqueei, graças a Deus.

P - Ta.

S - Eu fiz pelo posto de saúde, pelo posto aqui.

P - (surpresa) É?

S - É. Eu fiz planejamento e o médico achou que eu não po... que eu não podia ter mais filho, que eu tive muito filho.

P - E aí você operou.

S - E aí eu consegui fazer o planejamento e me operei, graças a Deus.

P - Ta.

S - Tem oito ano que eu me laqueei.

P - Cê se arrependeu?

S - Não. Nossa, to muito feliz.

P - Ta feliz ainda? (risos)

S - To, to feliz. Parei por aqui, nossa, eu tive... Pra falar a verdade, eu tive sete filho. Eu perdi um menino e uma menina. Então o médico falou: “Chega. Chega porque senão ‘cê vai morrer”. Aí, me laqueei, graças a Deus.

P: Então, você disse que teve... Então, tem dois casos, duas situações de gravidez... é, seu filho não era mais adolescente, né? O Felipe, quando teve o outro... teve o filho dele.(interrompida)

S: Dezoito ano ele tinha.

P: Ele tinha, né? É.. existem outros casos de gravidez na adolescência na família?

S: Não. Acho que não.

P: Não.

S: (nega)

P: E na sua geração?

S: Na minha geração? Antigamente?

P: É, na geração do seus irmãos...

S: Antigamente, uma mulher não engravidava tão fácil quanto as mulher engravida hoje.

T: Por quê?

E: Ah, não sei. Não sei. Igual, eu tenho minhas irmãs, todas, todas elas só tiveram filho depois que casou. E eu não tive filho antes de casar.

T: Quem que você teve?

S: A B, o S, o R, o F e a L.

P: Como antes de casar?

S: Não, antes de casar. Antes de casar sim, eu não sou casada, eu moro com meu marido há dezoito anos. E eu tive dois filho antes de conhecer o...esse homem que eu moro com ele.

P: (surpresa) É? Quem você teve?

S: Eu tive o R

P: (surpresa) 'Cê tem mais outros filhos então?

S: Não. Eu tenho o R... o R é o W. É porque o nome dele é WR.

P: Ah, ta. 'Cê chama ele de R ou de W?

S: R

P: Ta, R.

S: É. E o Felipe... O F e o R eu tive antes de conhecer o pai dos meus filho.

P: Um outro relacionamento?

E: Isso.

T: Você morava com esse rapaz ou era só namorado?

S: Não. Nunca eu cheguei... Eu cheguei a morar com o pai de R, morei uns três anos com ele. Não deu certo, eu me separei. Mas com pai de F, eu nunca morei. Então...

P: Ta.

S: Então, as minhas irmãs mesmo só arrumou filho depois de casada.

P: Ta.

S: Só eu que arrumei filho solteira.

P: E como foi isso pra você, pra família?

S: Ah, foi um baque muito grande pra minha mãe, né. Porque minha mãe esperava que nós, nós todas se casassem antes de ter filho. Mas isso aí não aconteceu. Eu engravidei antes de casar.

P: E como você se sente em relação a isso hoje?

S: Hoje, a minha cabeça é outra. Eu tenho trinta e oito ano de idade. Mas se eu não tivesse nenhum filho até hoje, eu não queria ter mais.

P: Por quê?

S: Porque não queria. Porque f... É, criar filho, ainda mais hoje em dia, no mundo do jeito que ta, não é fácil. Então se eu tivesse... Quando eu engravidei, se eu tivesse a cabeça que eu tenho hoje, eu não teria filho. Não teria. Nenhum. Nenhum porque a gente não pode dar um futuro melhor pros filho da gente. Ainda mais eu, que tenho esse monte de filho. 'Tendeu? Não é fácil. Hoje em dia não é fácil criar filho. Antigamente, as mulher criava os seus filhos, não existia droga, não exisitia nada disso do que ta acontecendo hoje. Mas hoje, nesse mundo que a gente ta, pra criar um filho é muito difícil. Muito difícil.

P: S, é... você disse que engravidou, é, antes de se casar, na juventude. Você... E que foi muito difícil pra você, né, porque você foi a única na família que... que não engravidou depois de casada. E você acha que isso que aconteceu com você, é, tem influência no fato de você receber a J aqui?

S: Pode ser. Pode ser. Pode ser, porque do mesmo jeito que ela foi... que ela é mãe solteira, eu também já fui. E, às vezes, ela pode ter... Ela ta passando pela mesma coisa que eu passei. A única coi... a única diferença é que a minha mãe, mesmo eu tendo engravidado sem ser casada, a minha mãe me acolheu. E nunca me jogou os pés. Portanto, ela criou meu filho, que é o mais velho, até os doze anos. Porque eu fui mãe dele com dezessete anos e não tinha nem noção de como se criar, como se cuidava de uma criança. Então minha mãe me ajudou muito. Minha mãe me acolheu e fez tudo que ela podia por mim e pelo meu filho.

P: E isso foi bom pra você?

S: Nossa, foi muito bom. Foi muito bom porque ela não... não me jogou os pés nenhum momento. Em nenhum momento, ela me abandonou. Ela criou meu filho pra 'mim' sair de casa e ir trabalhar. E me devolveu ele aos doze anos, quando eu conheci esse homem que me deu um lar, quando eu conheci ele, ela falou: "Minha filha, agora você já tem sua casa, já tem seu marido, agora 'cê vem buscar seu filho". Então, eu agradeço muito a Deus e muito à minha mãe, que me ajudou pra caramba. 'Tendeu? Hoje ele é um menino sossegado, tem sua esposa.

P: Sua mãe é viva?

S: Minha mãe é. Minha mãe tem oitenta e poucos anos.

P: E mora onde?

S: Em Minas.

P: Minas.

S: É. Minha mãe me ajudou pra caramba, nossa.

P: Da onde ela é?

S: Materlândia.

S: Materlândia... Fica perto de?

E: Belo Horizonte.

T: Belo Horizonte.

E: É. Então, só tenho a agradecer a Deus e à minha mãe. Porque ela me ajudou em tudo que ela pode, tudo, tudo, tudo. Tudo. Nunca deixou faltar nada pro meu filho, então eu tenho muito que agradecer à ela e a Deus. E essa aí a J já não teve a mesma sorte que eu. Né? Porque, foi abandonada, com filho dentro da barriga e por outro lado ela deu sorte que ela me achou. Ela me achou que eu ainda dei... chegando ele aí, o pai do bebê. Por outro lado, né, ela deu sorte. Esse é o pai do bebê.

p: (para o R)Olá, tudo bem? Boa tarde.

WR: Boa tarde.

P: É... a gente ta fazendo entrevista aqui.

S: Esse é “a bença” (risos). A bença, pai do bebê.

P: Por que “a bença”?

S: Risos

P: (para a entrevistada) Como foi pra você participar dessa entrevista?

S: Ah, eu gostei de participar, porque também me desabafei um pouco. Porque ficar com tudo guardado por dentro não dá. Eu gostei da pesquisa, muito boa. E pode ajudar muita gente também essa pesquisa.

P: Se você tivesse que dizer alguma coisa pros pais, pros pais... t... qualquer pai do mundo a respeito de como lidar com essa questão da gravidez na adolescência, o que você diria?

S: Dar mais atenção aos seus filhos e preveni-los mais. É o que eu tenho a dizer.

P: Ta.

S: (filho pergunta algo pra S) Não. Eu estou numa entrevista.

P: (risos) É... Eu agradeço a você, né. Tem... é... por ter participado, né. Eu acho que se você quiser, depois eu posso... é... te mandar a pesquisa, né.

S: Tudo bem

P: E... gostei muito de conversar com você e... foi muito.. espero não ter causado nenhuma... (risos)

S: Não.

P: Nenhum incômodo, né, pra você.?

S: Não. Eu já... a menina já tinha me falado dessa pesquisa. Só que tem que eu achei que a entrevista era ele e a mãe do menino.

P: Não. Não, não. É com os pais. Eu quero falar... queria falar com os pais. Eu não sei, assim, eu não pude conversar com o seu marido, né? Você acha que é importante eu conversar com ele ainda?

S: Você que sabe. Se você achar melhor

P: Se eu puder conversar em algum momento com ele, quando seria?

S: Amanhã... É, segunda-feira ele tá de folga.

P: Segunda-feira...

S: É. Segunda ele ta.

P: E como que eu posso entrar em contato com ele pra saber se eu posso vir? Ele ta o dia todo?

S: Ta. O dia todo ele ta.

P: Até o final da tarde? Porque assim segunda acho que vou trabalhar o dia todo. Eu saio umas quatro horas do trabalho, só poderei vir pra cá depois desse horário.

S: Umas cinco horas?

P: É.

S: Você pode vim umas cinco horas.

P: Você f... você avisa ele?

S: Aviso.

P: Ta. Então, assim, eu converso com ele né e... ele ta sabendo?

S: Não, eu aviso pra ele.

P: Ta bom.

S: Falar pra ele que é uma pesquisa lá que tão fazendo.

P: É. Aí no meu... no papel que eu vou te dar, eu te dei o papel?

S: Não.

P: A cópia tem o meu telefone, né... Esse é o meu celular, qualquer coisa ele liga pro celular, se ele tiver alguma urgência, alguma coisa né.

S: Tudo bem. Aí eu deixo avisado pra ele, não vou ta aqui.

P: Ta bom.

S: Mas aí eu aviso pra ele que vai vir uma moça do posto que vai fazer uma pesquisa com ele e vai ser cinco horas.

P: Ta bom.

S: Aí você pode vim que ele vai ta aguardando.

P: A pesquisa não é para o posto, ta? A pesquisa é(interrompida)...

S: Não, eu vou falar pra ele que é a moça do posto que vai vim(risos)

P: Ta. Eu já... eu trabalhei aí mas a pesquisa não é do posto.

S: 'Cê não ta mais aí?

P: Não, eu to na Unidade de Assistência Domiciliar.

S: (surpresa) Ta.

P: E.. mas é pra, é pra Universidade Católica, né, a gente ta fazendo uma pesquisa sobre família.

S: Ah ta.

P: Ta bom?

S - Ta bom.

P- -Então eu agradeço, né. Agradeço a família, né, pela consideração, ta?

S - (concorda)

P - Então ta bom. Podemos encerrar?

S - Podemos.

Família B (da jovem T)

Pesquisadora - Então agora vamos começar a entrevista que você já assinou o Termo de Consentimento e você já sabe do que se trata a pesquisa, é, então eu queria começar perguntando o que significou a gravidez da Tatiana pra você e pra a sua família, o pai dela é vivo?

K - Sim

P - E ela tem contato?

K – É bem raro.

P – E aí você tem liberdade de dizer ...como é o nome do seu marido?

K – F

P – Há quanto tempo vocês estão juntos?

K – Há oito anos.

P – Então ele participou bastante da educação dela?

K – Ele tem pouca experiência é verdade... O que ele pode ajudar ele faz mas ele é bem reservado.

P- Ele deixa mais com você?

K- É.

P – Então, o que significou para vocês a gravidez da T, e ela engravidou em que idade?

K – Ela engravidou com 13 anos pra 14 anos e foi um choque né!

P – Foi um choque para quem?

K – Ah! Pra gente! Pra todo mundo que a gente esperava que ela tivesse um outro seguimento de vida, né, e não de mãe precoce, né, a gente esperava que ela estudasse, que ela se formasse, que ela tivesse amigos como toda adolescente. E

pelo fato de eu já ter passado por essa experiência de ter engravidado aos dezessete na minha adolescência eu não gostaria né então quando ela me falou a princío veio a revolta e depois veio a decepção. Mas aí a gente tem que ir aceitando né fazer o que. Pelo fato de que já tá consumado...

P- Então no começo você ficou revoltada e decepcionada.

K- É, os pais têm o objetivo de traçar uma meta pro futuro, né. Como foi traçado pra mim eu queria, eu tracei prá ela, só que aconteceu tudo diferente, né, então a gente se decepcionou.

P – Prá você também foi diferente?

K – É, pra mim foi diferente.

P – Quem tinha traçado essas metas? Era você mesmo ou seus pais?

K – Pra mim foi os meus pais. E também assim eu imaginava um outro rumo de vida. Ter a minha independência, assim as minhas responsabilidades com exceção de um filho, né. Aí também começou a minha gravidez dos dezesseis aos dezessete anos, então eu passei esse exemplo prá ela, ...de acontecer isso prá ela...ter a responsabilidade de uma criança nova, porque é puxado e ela não tem experiência , né. Então ela deveria estudar, né, se formar e procurar um estudo melhor. E aí aconteceu a gravidez e ainda mais precoce do que a minha. E aí eu fiquei indignada, né, porque assim todo dia era conversado, todo dia era conversado e aí eu levei ao médico.

P- Você levou ao médico quando?

K – Quando eu descobri que ela não era mais virgem aí eu levei ela na médica pra que orientasse..passei a medicação certa pra ela tudo mas....prevenção não tem jeito. Quando tem que acontecer...

P – Ela estava...usando algum método quando engravidou?

K – ela disse que tinha parado de tomar o remédio porque o cara não tinha o dinheiro prá comprar porque eu disse que já que você está se relacionando ele teria ...ele teria que.pelo menos te dar esse suporte, né, ou então você procurar um suporte com ele pra que isso não venha acontecer, caso uma doença e não só uma gravidez. E aí eles se resolveram, eu não sei o que aconteceu, eu acho que acabou não comprando e a gravidez aconteceu....

P- Vocês usam o posto de saúde?

K – Raramente porque é muito burocrático usar o serviço público, muito burocrático. Então assim, na época em que eu passei ela no médico, foi pelo convênio da

empresa, né. Mas assim, fora disso, sempre foi orientada, né, mesmo pela minha experiência com ela. ....também eu não posso ficar vinte e quatro horas, então...

P – Você disse que acha burocrático o serviço público.

K – Ah! É burocrático, você vai lá procurar...às vezes você vai para tirar uma dúvida, aí você tem de esperar três meses. Você tem que marcar...que nem, outro dia eu precisei retirar um resultado de exame pra mim que eu tenho que retornar no outro posto do Jardim São Luiz, aí a moça falou que não podia me pegar porque a agente de saúde tinha que me entregar. Aí como sexta- feira eu precisei faltar para resolver outros assuntos aí eu fui lá. Eu falei eu não vou espera a agente ir na minha casa, já tem mais de um mês que eu fiz esse exame,né era pra quinze dias e já tem mais de um mês. Eu preciso levar o exame no médico e vocês segurando o exame até a moça ir lá em casa. E outra, eu não fico em casa, como eu vou saber se ela passou ou não passou, né? Eu preciso do exame Nara levar para o médico. Aí eu fui levar pra S (enfermeira da equipe de saúde da família) e aí a S me entregou, mas assim você tem que se impor porque senão você não consegue. Fica esperando por eles, que nem, eu marquei uma consulta em dezembro prá passar com reumatologista e eu só consegui passar em...março.Foi só consegui passar em março.

P – Você acha que a forma como o sistema está organizado ele dificulta a prevenção de gravidez na adolescência?

K – Dificulta porque assim a gente tem que ter o horário deles, né. Porque nem sempre a gente tá...que nem eu queria fazer aquele planejamento familiar mas eu não tenho tempo, né. Eu precisaria de colocar o DIU e eu sei que o estado fornece mas eu não tenho tempo de ir. Pra ir numa reunião eu tenho de faltar um dia de serviço e se eu falto no serviço quem vai me reembolsar? Sexta feira eu tive de faltar pra pra resolver problemas aí eu já englobei tudo. Né. Aí não é o dia que tem a reunião lá. Então assim às vezes dificulta né. Eles funcionam até seis horas da tarde. E saio quatro e quarenta da manhã e chego cinco e meia cinco e quarenta da tarde e já não tem mais ninguém no posto de saúde, né. Às vezes você vai e procura uma assistente social ou alguém pra te dar uma orientação de alguma coisa e não tem. Nunca tem é só enfermeiro e aquelas recepcionistas pra te atender. O médico você entra e ele nem olha na sua cara né. Que nem eu passei no reumatologista, ele nem olhou prá mim. Três meses esperando a consulte ele só passou os exames e pronto, perguntou o que você sente e pronto passou os exames. Quer dizer três meses e a consulta durou dez minutos. Então assim eu acho muito precário o sistema público de saúde. Mas assim ela foi bem amparada tudo, né. Ela teve atenção, o pessoal veio fazer visita. Depois que já aconteceu, aí eles vem amparar, entendeu?.... antes, né? E não depois que acontece. Aí pediu pra mim ter paciência com ela Aí eu falei “não, eu vou ter paciência. Eu vou fazer o que?

Vou espancar? Olha aconteceu comigo e poderia acontecer com ela em qualquer momento só que eu queria que fosse evitado, né.

P – Em relação à questão da decepção você ficou decepcionada e revoltada. Isso mudou?

K – Sim! Aí depois assim...revoltada que eu digo...assim...é que nem eu falei pra senhora, porque não era o que eu tinha planejado pra ela...né? Então eu tava querendo que ela estudasse, que ela ampliasse mais os conhecimentos dela, porque uma criança prende muito a gente, né, se agente for uma mãe dedicada prende. Né? Aí se for para colocar no mundo e deixar pra outra pessoa cuidar, aí é diferente. Entendeu? Porque assim, como eu tive ela aos dezessete anos, também eu não consegui terminar os meus estudos, né! Eu não tenho uma profissão certa, né! Tudo o que o meu pais sempre avisava, né! "Procura estudar, depois trabalhar, depois você vai bancar uma família". Mas aí eu me precipitei e ela fez a mesma coisa. Porque eu fiquei revoltada porque eu tava dando todo o suporte para que ela não chegasse aonde ela chegou, né! Que ela rumasse outro caminho ela chegou exatamente nesse caminho que eu não queria que ela estacionasse, porque assim eu tava batalhando eu tava NE esforçando para que ela pudesse fazer curso, tudo e de repente tudo ia parar, porque uma criança muda a vida da gente. Não tem jeito. Então, agora ele tá estudando à noite pra recuperar o ano passado que ela perdeu. Ela não perdeu tanto ainda porque tem eu e o meu marido que damos suporte pra ela. Mas eu como não tive ninguém era eu e o pai dela assim eu perdi bastante, né! Então foi todos esses que eu dei pra ela e aí eu fiquei revoltada pro causa disso. Mas aí depois, como eu falei, já tinha sido feito e não tinha mais o que fazer. Então é aceitar a situação, né. Mas muitas vezes ainda eu fico indignada porque eu acredito que ela tem um futuro pela frente, entendeu? E a criança é uma bênção mas já te empate de muita coisa. E hoje ela tá vendo o que que é.

P – E você conversava sobre tudo isso?

K – Sim, ela não conversa muito comigo, então há um tempo eu solicitei pra S. a ajuda de uma, um psicólogo, né. Acionei ela se ela poderia ta fazendo isso, Porque assim, ela é muito fechada. Ela não é...eu sou mais tagarela. Eu sou de chegar de falar. Ela não, ela é muito de ficar pensando, ela conversa com as outras pessoas, comigo ela não é assim. Não sei se porque às vezes eu sou um pouco rígida, entendeu? Às vezes eu acho que eu cobro demais, né. Mas assim eu falo "eu obro pro seu bem, não é pro seu mal". Porque assim, eu tive lá fora, eu tou lá fora todos os dias, e eu vejo como que é a situação, então, não é que eu quero resguardar ela do mundo que eu sei que ela vai conhecer o mundo mas pra prevenir certas situações como esta. Então, assim, muitas das vezes eu to conversando com ela, ela chora, tudo, mas ela também não emite a opinião dela, a não ser que ela já

esteja num estado muito avançado de...de tensão, de *stress* aí ela fala alguma coisa mas senão, não. Aí pra mim ajudá-la fica difícil.

P - O que ela fala quando ela chora?

K – Não! É entendendo o que eu tou falando, como se ela tivesse se arrependendo do que eu já tinha dito e avisado pra ela, né. É mais ou menos por aí, então eu procuro sempre manter o diálogo com ela, mas nem assim não resolveu. (riso) Infelizmente acho que o meu psicológico (riso) a minha psicologia não foi muito boa (riso). Os exemplos não foram muito bons

P – Porque você pensa isso?

K – Porque senão teria pensado diferente, né!. Ao se envolver com qualquer pessoa, entendeu? Teria pensado diferente.

P- Você conhecia o rapaz? Ele frequentava a sua casa?

K – Assim. Não. Nós nos conhecemos no trabalho. Que eu trabalho na rede hoteleira. Ele foi trabalhar no hotel e eu fiz amizade com ele. Ela namorava um outro rapaz e aí numa confraternização da empresa, ela foi, meu esposo foi, aí eles acabaram se conhecendo, daí ele começou a frequentar minha casa, junto com outras pessoas do hotel, tudo, aí acabou acontecendo o namoro deles, né. E assim pelo fato de ele ser mais velho do que ela, né, e trabalhar e já ter passado dificuldades familiares também e tudo eu achei que ele teria um pouco mais de sabedoria, entendeu? Mas aí acabou acho que ele tendo a mentalidade menor do que a dela. Aí eu fiquei com dois problemas: ele e ela. Porque aí eu tinha que orientar ele e tinha que orientar ela também. Só que aí da porta pra fora os dois achava como eles achavam certo. E aí eu não tinha como impedir, né.

P – Que idade ele tem?

K – Ta com vinte e dois.

P : Eles estão juntos?

K - e já tão separado. (em voz mais baixa).

P – Quando terminou o namoro?

K - Tem mais ou menos uns dois meses.

P – Eles namoraram...

K – Eles namoraram dois anos, né. E a criança nasceu aí é como eu falei que tudo muda, né. Porque aí vem a responsabilidade e aí as pessoas acham muito puxado, né. Foi o que eu sempre falei pra ela “ter filho não é fácil”. Eu já passei, eu criei ela

praticamente só porque depois de...depois que ela tava com dois anos, quase três anos, eu não dei mais certo com meu esposo e aí eu me separei, nos separamos e aí eu fiquei com ela sozinha e eu falei pra ela sempre tomar cuidado por esse motivo, né. Sempre orientava por isso, entendeu? E eu falei “não se deixe levar por ele porque, porque na hora que tiver a responsabilidade ele não vai assumir”. Foi dito e feito ele quer assumir mas ele tá lá e quer que ela fique aqui sem ninguém ele quer ficar andando pra onde ele quiser e ela presa com o menino dentro de casa, vamos dizer. É assim que ele quer responsabilidade e assim fica fácil. Assim, assumir a responsabilidade é você por dentro de casa e assumir a responsabilidade. Não é eu aqui e ela lá, entendeu? É complicado.

P – E essa decisão de ele ficar aqui com vocês e ele na casa dele, foi um decisão de vocês, ou dele e dela, e porque dessa decisão?

K - Foi porque na verdade eles não têm muita estrutura familiar, entendeu?

P – Ele mora sozinho? Não. Ele mora com a mãe um irmão e uma irmã. E eu acho que eles seguiram a vida deles e agora eu acho que só tá ele e a mãe. Eu não sei porque tem uns três meses que eu não tenho contato com ele, né. E...mas assim como ele tava desempregado e tudo eu não queria que ele tirasse ela daqui. E mais por ela ser muito nova eu não queria deixar ela sair com o bebê. Sabe ele não ia ter a responsabilidade da casa, do bebê e de tudo, porque aqui comigo ela já não tem. Que nem assim, ela toma conta bem do bebê mas ela não dá conta de tudo como eu fazia. Assim cozinhava, lavava e passava, entendeu e ele já via ela assim essa mulher, entendeu? Que ela não é, né. Então eu não aceitei e então eu falei “Não. Quando o bebê tiver um pouquinho maior...” porque assim, ele a construir na casa da mãe dele. Então eu falei “então você vai construindo lá com calma”,né, “arruma um serviço”, eu falei “quando você tiver construído direitinho, tiver no seu canto,aí você leva ela e o bebê, mas pra tirar ela da minha casa,pra levar pra sua casa cheia de gente, entra e sai, e cachorro e tudo”. Eu falei “não, é melhor deixar ela aqui onde ela tá com o bebê”. E aí eles ficaram, ficaram e acabou que não deu certo e ele tá lá e ela tá aqui.

P – E aí eles aceitaram bem essa...essa orientação? Essa solução?

K – (interrompendo) Sim.

P – (continuando) O que você acha que ela sentiu assim...?

K – (interrompendo) Não. Ela queria ir. Ela queria ir porque ela tava na ansiedade de ter o canto dela, a casa dela. Mas assim tudo o que ele prometeu pra ela, né. E colocou na cabeça dela que ia ser um...conto de fadas, vamos dizer, né! E aí eu pisei o pé que não, né. Assim contra vontade eu falei que não, que ela não ia sair daqui onde ela tem o quarto dela, tem o espaço dela, não tem toda a casa mas tem o espaço dela, pra ir prum lugar onde ela não ia ter o espaço dela, com gente que

ela não conhece. Porque assim você ir visitar é uma coisa, você ir com o bebê é outra. Porque eu já convivi com os avós dela e com os tios no mesmo quintal e não deu certo, entendeu? Então assim pelo menos isso eu quis evitar pra ela, entendeu? Porque eu sabia que ela ia e depois ela is voltar. Não ia dar certo. Mesmo que ele tivesse construído a casa dele, tudo certo, montado tudo, não ia dar certo porque eles não foram preparados pra isso, né. Tanto é que hoje ela gosta do bebê tudo né, porque é mãe, mas ela ainda não tem assim que ela... eu tou sempre auxiliando, precisa de alguma coisa eu to ali. Precisa de uma ajuda se o bebê chora eu levanto, né. Ele quer levar ela lá pra deixar ela lá se virando sozinha. Ah! ela vai amadurecer mas mãe é mãe, você quer proteger sempre. Não tem jeito. Aí eu falei pra ela que nessas condições não. Aí a princípio ela ficou meio, né, meio abatida porque queria porque queria, mas aí depois que convivendo mais com ele e com a responsabilidade do bebê a semana toda, ela realmente percebeu que não ia dar certo. Aí acabou tudo, aí acabou tudo e a separação, né, como eu já tinha previsto que isso ia acontecer mais cedo ou mais tarde e ai ela tá aí .

P – Então, você tinha muitos sonhos prá ela muitas expectativas, né. Isso mudou?

K – (interrompendo) Não.

P- (continuando a pergunta) Continuam os mesmos?

K – Assim. Não é que eu tinha sonhos pra ela. Porque assim eu acho que cada indivíduo tem os seus próprios sonhos. Eu tinha assim a preocupação dela não passar pelo que eu passei,né pra que ela crescesse mais, né, é, profissionalmente e como ser humano, antes de qualquer responsabilidade, entendeu? Não é que eu assim sonhava com alguma profissão. Só queria que ela tivesse um futuro diferente do meu. E lá na frente quando ela estivesse trabalhando ela dissesse " agora eu já estudei, agora eu já tenho condição de ter uma família". Assim, sabe? Não lá pros seus trinta quarenta anos não mas que fosse um pouquinho mais avançada a idade della, entendeu? porque é assim que nem eu falei pra ela, lá na frente quando ela estiver perto dos trinta anos assim como eu estou, ela vai sentir falta de algumas coisas, entendeu? Que nem eu falei, querendo ou não a criança prende a gente. Não tem jeito, né. Hoje que ela vê que aparece uma festinha de amigo ela não pode ir, porque ela já não tem mais a liberdade que ela poderia ter se ela não tivesse o bebê. Então assim, eu coloquei ela no Flávio (como chamam uma das escolas públicas da região), então não mudou nada porque, assim, eu coloquei ela pra estudar, né, você vai estudar e era pra mim estar estudando agora, porque eu terminei o meu ensino médio lá no Flavio também já pra entrar em outro curso que eu quero fazer um curso na área da segurança do trabalho ou quero pesquisar a assistência social ou alguma coisa nesse sentido que eu gosto mas aí por enquanto eu tou abrindo mão pra que ela venha terminar os estudos dela. É como eu falei pra ela, "amanhã você também vai estar abrindo mão de alguma coisa pelo seu filho,

não vai ter jeito". Entendeu? Mas ela já tá vendo que é difícil porque, se eu estudar no meio do ano, ela vai ter que arrumar uma pessoa pra deixar o bebê. Vai ter que pagar, entendeu? Então assim, é isso que eu falo, tudo tem um desgaste, entendeu? A criança não tem culpa, ela não entende e não pode largar ela com qualquer pessoa, tanto que eu não deixei ela com qualquer pessoa. Sempre foi em lugares e eu sempre procurei morarem lugares bons, seguros, pra que ela se sentisse segura, né. É...sempre deixar ela com pessoas que eu confiava pra não acontecer coisas absurda que a gente vê acontecendo por aí, né. Eu sempre monitorando, entendeu? Só que aí chega naquela fase em que você não tem como você segurar, né. Então assim o que eu penso pra ela de um futuro melhor não mudou nada, né. Só o que eu sei que a única coisa que mudou é que agora a coisa vai ser muito mais difícil. Só isso, entendeu? Mas ela vai ter um futuro melhor se Deus quiser, vai servir de experiência e ela vai ter um futuro melhor pra ela proporcionar um futuro melhor pro filho dela, né. Mas eu procuro sempre dar bons exemplos pra isso, né. Assim, o meu exemplo de engravidar nova não foi bom, né. Mas assim, ela, ela Teve a oportunidade de escolher, né. Mas não escolheu certo.

P – Quem que mora aqui na casa? Você..?

K – Eu, a T, o F e o D (apelido).

P – O F é?

K- É o meu esposo.

P – Qual a idade dele?

K – Tinta e três.

P – Tinta e três. E qual a sua idade?

K – Tinta e três.

P – Você viveu com o pai da T...?

K – Vivi oito anos.

P – Oito anos? E como é o nome dele?

K – É M..

P – M e hoje ele está com que idade?

K – Quarenta e quatro anos.

P – O F trabalha no que?

K – Ele trabalha numa construtora.

P – E o M?

K – Ele eu não sei...o que ele faz, o que tá fazendo.

P – Então você teve a T que está com quantos anos agora?

K – Quinze

P – Está estudando...

K – É.

P – E ela tem o bebê que está com quanto tempo?

K – Oito meses.

P – Oito meses, e como é o nome dele?

K – E.

P – E você aí você teve o D (apelido)

K – Não o D (apelido) é o E. (risos)

P – Você não teve filhos com ele?

K – Não.

P – Você está há quanto tempo com ele?

K – Vai fazer nove anos.

P – Nove anos. A T não está tendo outro relacionamento.

K – Que eu saiba não mas sabe como são esses adolescentes (risos)

P – Como são os adolescentes?

K – Ah! Eles fazem tudo escondido, né! Ainda mais que eu fico pegando no pé dela porque a gente tá numa briga jurídica com o na...com o pai ,né. Então o pai da criança e eu sempre falo que ela evite. Ela diz que não pensa que só tem amizade. Agora se é verdade ou não só ela e Deus é quem sabe.mesmo porque a senhora vê, eu trabalho e não fico em casa o dia todo, então eu não tenho tempo pra ver se é ou não, né. Eu sei que aqui não vem ninguém pra eu conhecer e nem quero.

P – E, caso ela venha a ter um novo relacionamento, o que você pensa fazer, ou como você pensa que será o seu papel para prevenir uma segunda gravidez?

K – Olha, eu acho que o meu papel é orientar. É o que eu posso fazer. Eu não tenho muita coisa pra fazer. É! É a orientação só e aí ela tem que seguir pela cabeça dela.

A gente orienta pra que seja feita a prevenção, né. Se não é feita, aí não tem muito o que a gente fazer. Mesma coisa se a senhora me receita um medicamento e eu sei que aquele medicamento vai me fazer bem e eu não sigo essas instruções não tem como eu me prevenir de uma doença futura ou mesmo eliminar uma doença que eu já tenho. Né, então, oque eu só posso fazer é orientar. Então o que que eu vou fazer? E o restante parte dela. Continuar orientando ambas as partes, né. É o meu papel de mãe. Assim, mãe e pai porque dela eu sou mãe e pai. Eu não posso contar muito com o pai dela e também o F não tem experiência de pai. Ele tem acontecimentos na família e tudo mas ele tem receio de falar certas coisas, devido ele não ser o pai dela.Né e aí ...

P – Como é o relacionamento deles?

K – É bom! Eles não conversam muito. Só o necessário, mas também não tem o desentendimento essas coisas assim. Sempre foi tranquilo. Graças a Deus.------

P – Pensando que isso é uma pesquisa que vai ser lida que vai servir....poderia servir para trabalhos com adolescentes e com famílias, o que você diria para pais de adolescentes a esse respeito?

K – Ah! O que eu tenho a dizer é que assim, é os pais, como a médica mesmo falou, eles têm que estar sempre atentos aos filhos, né, e sempre procurar conversar abertamente. Sabe, hoje em dia a gente tem que conversar sobre a...conversar sobre qualquer coisa. Às vezes o F me criticava e falava que eu era muito explícita com a T e aconteceu o que aconteceu. Que nem a médica falou, se você faz que não vê é pior ainda, né. Assim, então, às vezes, né, é, a adolescente erra porque vai pela cabeça de outra pessoa, né. Pela falta de diálogo em casa. Porque às vezes a adolescente tem bom relacionamento (em casa), eu tinha bom relacionamento com minha mãe. Já com meu pai eu tinha um pouco de restrição, mas assim, ele, ele conversava muito comigo e eu era que nem a T, eu ficava muito quieta, né, mas eu absorvia tudo o que ele me falava. E é, e assim, já com a minha mãe eu não tinha segredos, né. Tudo eu contava pra minha mãe só que ela não soube, nãoteve como dar uma estrutura. Sabe. O pouco que eu aprendi foi com colegas, foi com namorado, foi com a vida, entendeu? Tanto é que eu engravidei e não vou dizer que eu engravidei porque eu não sabia e que eu era bobinha. Não, quando eu engravidei eu sabia que eu poderia ter o risco de uma gravidez por eu não estar me prevenindo, né. Mas assim aquela história que acontece com todo mundo e não acontece comigo foi praticamente isso o que aconteceu. Então assim, acho que os pais, tem muitos pais que percebe situações que o seu filho tá passando, qualquer coisa, e não conversa, né. Às vezes tem o receio de tocar no assunto. Hoje em dia não é mais um assunto delicado você falar de virgindade, você falar de gravidez, você falar de drogas de sexo, porque isso tá explícito em todas as escolas, em todos os hospitais, né. Até a médica falou pra mim “Se toda mãe fizesse como você, né,

assumisse que a filha não é mais o que ela queria que fosse e *vinhesse* fazer a prevenção muitas adolescentes não engravidaria", Então por isso que no começo eu fiquei com raiva dela. Porque assim eu conversei muito, eu fui no médico,comprei remédio, tudo, coisa que eu nunca tive. Eu sempre tive que me virar, eu comprar meu remédio, eu procurar uma camisinha, sempre sabe. Eu nunca tive a minha mãe pra falar vamos no posto. Nem na minha gravidez eu não tive acompanhamento, né. E ela teve todo esse suporte. Então não era pra ela ter chegado numa gravidez. Entendeu? Então foi por isso que eu falei que fiquei com raiva, fiquei revoltada. Foi por causa disso, entendeu? Porque não era pra ela ter chegado nesse estágio. Mas assim, eu acho que os adolescentes por mais que viva e a cem por hora a duzentos por ora, uma hora tem que parar e por a mão na consciência, sendo que uma gravidez precoce, um filho é uma bênção, mas uma gravidez precoce atrapalha a vida de todo mundo, né. Principalmente deles que querem ta vivendo intensamente e não vai poder mais. Aí acaba que nem ela, deprimida, entendeu? Assim, agora ela tá melhor porque ela ta indo pra escola, ela tá tendo esse momento di distração, mas assim, no começo que ela ficava só aqui, ela ia pra escola mas sabe como que é, né, tem aquela gozação das pessoas, aquelas perguntas e essas coisas todas mexe com a cabeça do adolescente, tipo que eles não estão preparados. Nós que, nós que engravidamos na adolescência não estamos preparados. A gente sabe o que é o namoro, o que é ter uma relação, é tudo muito bonito, mas na hora da responsabilidade, mexe totalmente com a cabeça da gente. Então assim os pais têm que ta muito atento e não ter vergonha de procurar algum auxílio médico. Por que assim, amanhã depois se acontecer você tá com a sua consciência tranquila que a sua parte você fez. Que nem eu tenho a minha consciência tranquila, a minha parte com ela foi feita. Ela tinha que ter feito a parte dela porque ela foi orientada,

P – Você acha que foi tudo diferente?

K – Pelo fato dela não ter preparação de vida eu acho que ela se deixou levar muito pela influência dele acreditando numa vida diferente, num, num mundo de fantasias entendeu? Então assim, eles fantasiaram que tudo ia ser muito fácil, uma casa , AM marido, uma esposa, um filho. Só que é tudo como sempre eu falei, num relacionamento a dois é difícil, não é fácil. Manter uma casa é difícil, não é fácil. Só quem arca com as despesas e com as responsabilidades é que sabe o que é ter uma casa. Entendeu? Então assim, acho que ela se deixou levar muito pelo lado emocional, pelo lado que ele falava, é, pelo lado fantasioso que ele criou, entendeu? Aí, acho que ela pensou assim "pra mim sair de casa, ir morar com ele, realizar o sonho dele sendo marido, que é o homem da minha vida, eu vou engravidar" e aí acho que é isso que aconteceu. Não foi o meu caso mas eu acho que foi o caso dela. Assim pelo pouco que a gente conversa, eu acho que foi o caso dela. A questão da liberdade, entendeu? Acho que ela pensou assim "eu vou sair da casa da minha mãe e vou ter mais liberdade, que eu vou ta casada com ele e vou ser

dona do meu nariz", que era o que eu pensava quando eu saí da casa do meu pai. Mas eu não saí grávida, Saí antes e engravidei depois.

P – Ah! Você não engravidou...

K – Não!

P – Você já tinha saído então.

K – Não. Eu já tava morando e trabalhando já. Trabalhei e morei na casa de uma amiga e conheci o pai dela através de um colega e aí uns três ou quatro depois eu engravidei. Eu não saí da casa do meu pai grávida. Eu saí na ilusão assim de que, por isso que eu sempre falo, eu acho que ela se deixou levar por essa fantasia. Eu também saí na ilusão de que lá fora ia ser tudo muito fácil, que o meu pai tava me sufocando, me impedindo sabe? E aí eu acho que ela pensou a mesma coisa, entendeu? Que eu tava sufocando ela, cobrando, tudo, entendeu? E que lá fora ia ser mais fácil.

P – Você acha que tudo isso que vice viveu teve alguma influência na T?

K – O que eu vivi?

P – É. Que tudo o que você viveu te leva a ajudá-la?

K – Eu não sei se eu ajudo. Eu tento apoiar devido à dificuldade que eu passei. Eu consigo dar um suporte pra ela devido as experiências que eu tive;

P – Que suporte você dá?

K – Assim é...a minha estrutura psicológica assim de não ficar jogando frequentemente na cara, aí sabe "se você não tivesse, tá vendo se você não tivesse tido o bebê". Às vezes eu converso com ela mas não nesse sentido de ta jogando na cara o bebê porque, como eu falei o bebê pra gente agora é uma bênção, né. Yanto é que a gente ta na briga com o pai dele agora, né. Mas assim, é...eu tento mostrar pra ela que o que eu passei, as coisas que eu passei é o que eu não queria que ela passasse hoje, entendeu? E eu sei que amanhã ela vai querer dar esse mesmo suporte pro filho dela, apesar de ser homem tudo, fala que homem é tudo mais solto. É do ser humano, você tem que dar uma estrutura e assim eu não sei se eu consigo ajudar muito ela. Mas, o que está ao meu alcance, com as experiências de cada dia eu passo ---tento ajudar, né, dar um suporte para que ela não venha a errar de novo.

P – Essa briga é uma briga na justiça?

K – É. Ele agora quer a guarda do menino. Tivemos um desentendimento familiar e ele quer a guarda do menino. Aí eu falei pra ele procurar os direitos dele, né, e ele foi, né. E a gente ta esperando a audiência e daí pra cá eu não deixei ele ver o

menino mais. Então assim é isso que eu falo é...a adolescente tem que ter cuidado, os pais tem que ter cuidado porque é uma coisa que envolve todo...eu não envolvi ninguém, porque eu conheci uma pessoa bacana, tive um suporte da família dele, né. Tive um suporte dele porque na época eu tinha dezesseis e ele tinha vinte e seis anos. Então assim a minha história foi diferente, mesmo eu me separei dele e trouxe ela comigo morando nós duas, eu e ela sozinhas, né, e Deus e assim, nunca ele me prejudicou em nada, né, e diferente do que ta acontecendo com ela. Então assim, às vezes uma adolescente pode engravidar e ter um suporte bacana da outra pessoa, apesar de ser tudo muito tumultuado no começo porque os pais não querem, né, porque os pais não querem isso, que aconteça isso com seus filhos. Mas assim, às vezes pode ser que aconteça precocemente uma gravidez, né, e a outra pessoa seja uma pessoa bacana, né, e aí seja uma pessoa que queira um fututro, mas assim os pais tem que estar bem atento a isso porque é cansativo. Mexe com o emocional, mexe com o psicológico, eu perdi acho que uns treze a quinze quilos (tosse) nessa cofusão toda, entendeu? Mas eu me mantenho sempre ali, entendeu? Que se eu deixar abater, a gente se abate mesmo. É difícil.

P – K, o que você aprendeu com essa experiência,essa situação toda?

K – Olha...você fala em relação a mim ou em relação a ela?

P – A situação...agora eu não sei...(ambas riem). Se você quiser falar das duas coisas!

K – Então porque é assim, ela...com ela eu não tenho que fazer muito a respeito.A única coisa que eu posso fazer é orientar. Se ela seguir a minha experiência, o meu exemplo, ela vai ficar só como filho dela até ela alcançar o objetivo dela ou conseguir uma pessoa bacana pra dar um auxílio pra ela. Porque existe, né, só que a gente tem que ter paciência. Porque assim ontem mesmo eu já fui questionada porque eu já estou esse tempo todo com o F e nada de bebê. Acho que...se eu fizesse isso na minha adolescência que adolescente não pensa, não tem jeito, que às vezes assim é uma coisa que você faz de impulso e quando você vê já tá feito e não dá pra volta atrás e nunca assim eu pensei em fazer um aborto porque eu tava ciente do que eu tava fazendo. Então eu não achava certo eu fazer uma coisa ciente e depois eu não...não querer e me desfazer de toda aquela situação que eu criei. Então eu assumi a gravidez dela, mais devido a que nem eu falei a toda a modificação que eu tive na minha vida, né, eu não quis mais, eu traumatizei. Aí eu falei “não, eu não quero mais”, tanto que assim eu tive o pai dela, eu tive outro rapaz, eu tive outros namorados e aí eu terminei com o F e aí a gente tá junto esse tempo todo, né. A gente tem, agente teria condições de ter um bebê mas é uma opção nossa não ter. Ele não se sente preparado, ele não tem filho, ele não se sente preparado e eu também não me sinto preparada por tudo o que eu passei com ela. E assim agora que eu poderia ta pensando de ter um bebê, ela teve um bebê, né

então assim, praticamente também é meu filho, né. Porque...ela é uma criança e ele também é uma criança,né, e ela é uma criança grande e ele uma criança que precisa de um auxílio, que não entende nada. Então assim a minha experiência foi é...esperar o tempo certo pras coisas, né e não fazer o que eu fiz, sair de casa, engravidar, constituir uma família, tudo é muita responsabilidade. Então se ela, daqui uns dois anos quando ela ver o filho dela maior, porque também acho que ela não quer assim muito porque eu to aqui, né. Então ela sabe que se tudo der errado, eu to aqui. E eu não tive o mesmo suporte nem da minha mãe, nem do meu pai. E eu tive, então assim como meu pai falou " se você fez a sua escolha..." então como eu já tinha saído de casa e como eu engravidei fora de casa, eu não tive mais o pensamento de voltar. Eu Já não tinha o pensamento de voltar e depois da gravidez piorou porque meu pai não mora com a minha mãe. A minha madrasta, né, o nosso relacionamento já não era bom, assim, eu e ela. Perante o meu pai a gente vivia às mil maravilhas, mas eu e ela a gente já não se entendia bem, entendeu. Então era poucas as vezes que assim, era uma pessoa que eu pensava que eu podia confiar, que is ser como a minha mãe, que eu pudesse seguir o exemplo, o meu espelho, e ela não foi, ela só pensava em me afastar do meu pai, pra ela ter a liberdade com a filha dela que ela já tinha também e que já foi adolescente também e teve a filha na adolescência e morava com os pais dela, e aí ela queria trazer essa filha e mais a filha que ela teve com meu pai. Então tipo assim, a família dela seria eles e não eu. Assim, como o meu pai trabalhava e ficava o dia todo fora tudo, ele não tinha essa percepção. Por isso que eu falo os pais tem que ta atento, né. A mãe se mora com outra pessoa, o pai se mora com outra pessoa tem que ta atento a isso que a...como eu falei os adolescentes são muito impulsivos, né somos impulsivos quando tamos na adolescência. Então pra gente é tudo ou nada, sabe assim? Então o meu pai não teve essa percepção, né, de..ele sempre conversava comigo, através das coisas que ela falava pra ele ou de algum fato que ele percebia, sabe? Mas assim eu nunca tive a liberdade de chegar e dizer " Ó pai tá acontecendo isso" Eu sempre tive com a minha mãe só que a minha mãe também nunca soube dar um suporte legal entendeu? Ela sempre falava "você, ah, você é ajuizada, sempre faz, sempre sabe o que você faz".Ela sempre falava assim e, às vezes, a gente precisa de uma palavra, entendeu? Ou de um não, ou de "isso não ta certo", né, "você não pode fazer isso porque lá na frente vai dar errado", né. E eu tive do meu pai, só que aí, é... eu achava tudo bobagem, ele que ta pegando muito no meu pé, e eu vou fazer tudo do jeito que eu quero. E aí foi onde eu saí de casa por causa de um namoradinho que eu arrumei, e aí não deu certo e eu fui um tempo com a minha mãe só que não deu certo também que ela tinha uma pessoa com quem eu não me dava muito bem. Aé eu arrumei m serviço em casa de família e aí foi quando eu conheci o pai dela e precocemente montei ma família, né, e depois eu me arrependi, porque depois eu comecei a meditar que o meu pai tinha razão nas coisas que ele falava mas aí já era tarde. Eu já tinha uma filha e já tinha uma responsabilidade, já tinha escolhido o meu destino, né. Então assim se os pais de adolescentes moram com uma outra pessoa,

com os pais legítimos, ou com outra pessoa porque o casamento não deu certo, então tem que ta atento aos filhos, entendeu? Porque às vezes o filho uma gravidez, um vício, uma amizade mal influente, a gente tem que ta atento com tudo isso, né.

P – Tem alguma coisa que você ache importante falar que eu não te perguntei?

K – Não. Eu acho que o importante é isso é a atenção mesmo dos pais sobre os filhos e tipo assim e os filhos ter um pouco mais de atenção ao que os pais falam, né. Porque hoje não faz falta pra eles, mas em um futuro um pouquinho mais distante, né, eles vão vê, vão perceber, né. Então assim é o que eu falo sempre pra T, não, não segue, não, nunca, porque eu saí da casa do meu pai por um namorado, mas assim, não porque ele me pediu, não, eu achei que era certo, eu tinha a minha opinião, eu formei, eu coloquei na minha cabeça e eu fiz. Mas a T não teria estrutura pra fazer. Ela já não teria não. Ela já não tem estrutura pra fazer, entendeu? Porque assim, se eu engravidasse e não tivesse estrutura no meu psicológico, eu teria voltado pra casa do meu pai, com, seja lá de qual forma fosse, né. Porque pai é pai e nunca ia te renunciar. Ia lá jogar na sua cara tudo que acontece com a maioria das pessoas. Mas assim ia aceitar porque não ia deixar na rua. Eu assim, conhecendo o meu pai, eu acho que ele não ia deixar na rua, mas isso, como eu falei, isso também deixou ele irado, entendeu? Mas ele não ia me abandonar, né, mas assim a adolescente tem que parar um pouco, às vezes e pensar. Não se deixar levar por amizades, né, porque, assim, quando tudo de ruim acontece, não tem o outro amiguinho pra ajudar. Ou é você e a sua família, ou é você sozinho e as pessoas de fora que sempre aparece pra ajudar, entendeu? Então assim. É muito importante isso, o pai estar atento e os adolescente para um pouco e pensar na coisa. Lá fora é tudo muito bom, muito bonito, mas na hora de assumir as consequências é complicado e mexe com a família com toda a estrutura. A T sabe, ela passou, ela sabe (sorriso)

P – Como você se sentiu nesta entrevista? Como foi para você?

K – É, eu gostei porque é uma oportunidade de ta passando umas experiências para outras pessoas, né, e assim, é...é um momento que falta mesmo pras famílias entendeu? Às vezes ouvir depoimento de outras, às vezes até esses depoimentos que a gente dá tá acontecendo com outras famílias, né, que ao ouvir fala assim, né, é parecido com a minha história, né. É um ponto de reflexão. É...eu achei bacana de ta passando a nossa experiência e de torcer pra que sirva de exemplo realmente e não aconteça com as outras famílias. Então eu gostei da oportunidade por isso. (sorriso).

P – Eu agradeço a você...

K – Ah! Imagina! (sorriso).

P – Então eu vou desligar agora e então a gente pode ver a questão dos nomes, se você quer escolher.

K – Não precisa.

P – Então agora nós vamos...parar (o gravador).

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: "NUNCA DEIXE DE SONHAR": Os significados da gravidez adolescente para os pais dos jovens genitores

Pesquisador Responsável: Maria Lúcia Rodrigues Guimarães Gassert

Você está sendo convidado para participar desta pesquisa, foi escolhido através da sua Unidade Básica de Saúde pela Equipe de Saúde da Família e sua participação não é obrigatória.

Os objetivos desta pesquisa são compreender qual o significado que a família dá à gravidez na adolescência de seus filhos e quais os efeitos nas expectativas e projetos destas famílias em relação a esses filhos. Para se atingirem estes objetivos é necessária a realização de entrevista com os pais dos adolescentes.

Sua participação nesta pesquisa será responder voluntariamente às perguntas feitas pela pesquisadora, ficando assegurada a sua liberdade de não responder às perguntas que considerar inoportunas.

Se a entrevista causar algum desconforto emocional a pesquisadora se compromete a atendê-lo (a) em suas necessidades emocionais.

A sua participação na pesquisa não lhe acarretará nenhum custo, benefício individual ou compensação financeira.

Solicito que esta entrevista seja gravada para garantir o melhor registro das informações. As gravações ficarão guardadas, durante cinco anos, pela pesquisadora, com garantia do sigilo das informações, conforme Resolução CNS 196/96.

Em qualquer momento, você tem o direito de:

1. Receber resposta a qualquer pergunta ou dúvida sobre a pesquisa.
2. Retirar o consentimento e deixar de participar da pesquisa sem que sua recusa venha trazer qualquer prejuízo de sua relação com a pesquisadora ou com a instituição que o indicou.
3. Não ser identificado (a) e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade.
4. Se necessitar de esclarecimentos sobre questões éticas procurar o **Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP**, Rua Ministro Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) - Perdizes - São Paulo/SP - telefone (fax): (11) 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br / ou **Comitê de Ética em Pesquisa da SMS-SP** à R. General Jardim, 36, 1º andar, telefone: (11) 3397-2464, e-mail: smscep@gmail.com

Eu, **Maria Lúcia Rodrigues Guimarães Gassert**, declaro que forneci ao participante todas as informações referentes ao projeto e lhe entreguei uma cópia deste termo.

Assinatura do pesquisador _____

Declaro que entendi os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Assinatura do participante _____

Telefone (11)99114-2215 **E-mail** cgassert@uol.com.br
Endereço R. Novo Cancioneiro, 75 – Jardim da Acácias - São Paulo – SP